

wookacontece

Gratuita
Bianual
Abril 2026
Número 16



Entrevistas
Sara Duarte Brandão
Itamar Vieira Junior

Novidades
Wook vamos
ler esta
primavera

António Lobo
Antunes
Uma despedida

Wook®

A MINHA BIBLIOTECA
À DISTÂNCIA DE UM CLIQUE.



EBOOKS E AUDIOLIVROS

A QUALQUER MOMENTO. EM QUALQUER LUGAR.



22 Entrevista Sara Duarte Brandão

2 Wook vamos ler...
esta primavera!

24 Entrevista
Itamar Vieira Junior

10 Como sobreviver
à ansiedade literária

30 Portugal e a IA

14 Roteiro Cultural
WOOK

32 O mundo de
um editor de BD

16 Entrevista
Sara Duarte Brandão

36 António Lobo Antunes
Uma despedida

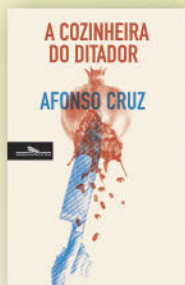
22 Quiz literário
Dia Mundial do Livro
e dos Direitos de Autor

38 Menopausa:
atualização de sistema
com superpoderes
ocultos

Wook
vamos
ler...

esta
primavera!

LITERATURA



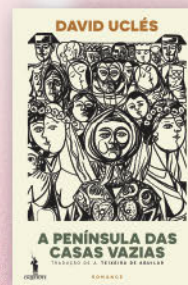
A Cozinheira do Ditador Afonso Cruz

Ele manda, ela obedece; ele põe e dispõe; ela come e cala. Mas também cozinha. Porque ela é a cozinheira do ditador. E, entre tachos e panelas, ela cozinha a sua vingança. Na prosa inconfundível de Afonso Cruz, este é um romance divertido e mordaz, recheado de personagens ímpares, sobre a perversidade que se esconde onde menos se espera e o muito que se cozinha na sombra.



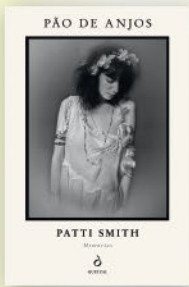
A Mais Bela Maldição Rui Couceiro

O que têm em comum um antigo pescador da Póvoa de Varzim, uma poetisa italiana, um condutor de camiões do lixo de Bogotá e um alfarrabista de Rabaf? Depois de dois romances aclamados pela crítica e, sobretudo, pelos leitores, Rui Couceiro viajou pelo mundo para conhecer e contar histórias de pessoas que partilham essa profunda ligação aos livros. Uma leitura indispensável para todos aqueles que também sofrem desta «bela maldição».



A Península das Casas Vazias David Uclés

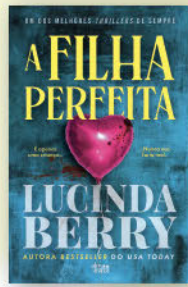
Estamos perante a história total da Guerra Civil Espanhola e de uma Ibéria agonizante, onde o fantástico ampara a crueza do real; onde os anónimos membros de um extenso clã de olivicultores cruzam os seus destinos com os de figuras como Lorca ou Picasso. Narrado em tom de realismo mágico, e fruto de quinze anos de trabalho, este multipremiado romance é uma obra simultaneamente poética e grotesca, bela e delirante.



Pão de Anjos

Patti Smith

No seu mais recente livro, Patti Smith debruça-se sobre a memória das pessoas que amou, perdeu e continua a amar. *Pão de Anjos* narra um percurso artístico e musical, repleto de encontros, concertos, discos e sucessos, mas vive sobretudo da memória familiar, com destaque para a figura do marido, Fred «Sonic» Smith, que morreu precocemente. Um retrato íntimo, entre o luto e a gratidão, entre a dor e a esperança.



A Filha Perfeita

Lucinda Berry

Christopher e Hannah decidem adotar Janie, uma menina de seis anos que foi abandonada no hospital onde ambos trabalham. Só que Janie não é uma criança comum e começa a agir de forma perturbadora. À medida que o perigo cresce dentro de casa, Hannah terá de tomar uma decisão impensável para proteger a sua família, uma decisão que mudará tudo. Um *thriller* inquietante e verdadeiramente invisível.



Os Erros que Cometemos

Lucy Score

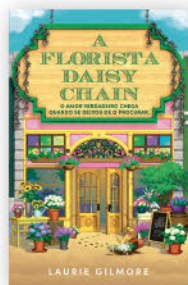
Zoey, uma agente literária, precisa que o novo romance da sua autora se transforme num sucesso gigantesco para regressar a Nova Iorque. Nada a vai travar. Exceto, talvez, Gage Bishop, o seu novo senhorio. Ele é inteligente, sexy e parece, ao contrário dela, ter a vida toda planeada. Um *small-town romance* irresistível em que os apostos se atraem.



A Médica de Família

J M Dalgliesh

Kelly é a única médica numa ilha remota onde vive com Lauren, a filha adolescente. Ela sabe os segredos e receios de cada um dos seus pacientes – mas eles não sabem os dela. Até que Lauren é raptada e Kelly recebe um ultimato: tem três dias para matar um dos seus pacientes. Se não o fizer, a filha vai morrer. Um *thriller* viciante cheio de reviravoltas inesquecíveis.



A Florista Daisy Chain

Laurie Gilmore

Daisy não tem sorte no amor. E, para piorar, corre o rumor de que a sua loja de flores está amaldiçoada. Elliott, a tentar adaptar-se à vida em Dream Harbor, não precisa de mais azar e evita a florista a todo o custo. Mas o destino tem outros planos. Uma relação falsa, uma maldição para quebrar e o amor à espreita. Todos os ingredientes para um romance imperdível da autora de *O Café Pumpkin Spice*.



Heated Rivalry: Rivalidade Ardente

Rachel Reid

Nada interfere com o jogo de Shane Hollander, muito menos Ilya Rozanov, o capitão dos Boston Bears. No gelo, a rivalidade lendária levava-os cada vez mais longe. Mas ninguém sabe o que acontece fora do rink. Quando o desejo que sentem um pelo outro passa a competir com a ambição no gelo, manter o segredo que carregam há anos torna-se impossível. O livro que deu origem à série mais falada do ano.



The Defender: Paixão Sem Limites

Ana Huang

Vincent DuBois é uma estrela incontestável do futebol mundial. Mas, quando a fama o persegue até dentro de casa, é forçado a partilhar um apartamento com Brooklyn, a filha do seu treinador. Por mais faíscas que voem entre eles, uma relação entre o capitão e a filha do treinador nunca poderia resultar... ou será que sim? Uma leitura perfeita para quem gosta de arriscar e quebrar as regras.



Em Jogo

Navessa Allen

Stella pode não acreditar em amor à primeira vista, mas em ódio à primeira vista? Sem dúvida. Desde o momento em que viu Tyler no seu estúdio de tatuagem que sabe que ele lhe transformará a vida num inferno. Forçada a fingir ser namorada dele, Stella não sabe o que é pior: ser chantageada por um homem que a quer arruinar ou não conseguirem tirar as mãos de cima um do outro...



Deus da Fúria

Rina Kent

Brandon King tem uma vida de fachada, construída para ocultar a dor e a vergonha pelo passado, até colidir com Nikolai Sokolov, o violento herdeiro da máfia. Nikolai está obcecado por Brandon, o artista sossegado e irmão gémeo do seu inimigo. Eles não podiam ser mais diferentes, mas ele não consegue afastar-se. Irá esta obsessão destruí-los ou libertá-los? O quinto volume da série Legado dos Deuses.



Better: Obsessão

Carrie Leighton

A história de Thomas e Vanessa chega ao fim. As mentiras e as traições afastaram-nos, e nem sempre é possível reparar o que está partido. Os dois seguem caminhos separados, porém, quando se reencontram na universidade, a raiva que ambos sentem transforma-se numa guerra de confrontos e provocações. Mas o que os unia não desapareceu. Pode o amor ser suficiente para os salvar?

NÃO FICÇÃO



Tudo sobre o Irão

Ricardo Alexandre

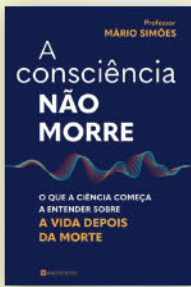
Da História dos velhos reinos persas à Revolução Islâmica, passando pela atualidade política – já inclui a morte de Khamenei, assim como os ataques dos EUA e de Israel e os sangrentos protestos de 2026 – e indo até ao cinema, música, gastronomia e futebol. Um livro do jornalista Ricardo Alexandre que nos dá o mais completo quadro desta nação milenar que, pelas piores razões, se tornou o epicentro do interesse global.



O Homem Mais Rico do Mundo

Jonathan Conlin

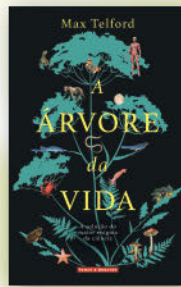
Calouste Sarkis Gulbenkian morreu em Lisboa em 1955, aos 86 anos, e era, então, o homem mais rico do mundo. Jonathan Conlin, com total acesso aos arquivos da Fundação Gulbenkian, escrutina neste livro a vida e os negócios de uma das figuras mais enigmáticas da História do século XX. Gulbenkian deixou-nos um legado cultural, artístico e científico que marca a vida intelectual e institucional portuguesa.



A Consciência Não Morre

Mário Simões

Durante décadas, a ciência garantiu que a consciência terminava com a morte do cérebro ou que era um produto deste. Hoje, essa afirmação começa a ser reavaliada. Mário Simões, professor jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, que dedicou grande parte da sua carreira ao estudo da consciência e dos seus diferentes estados, responde neste livro à grande questão: Que significa, afinal, morrer?



A Árvore da Vida

Max Telford

O biólogo Max Telford transporta-nos numa viagem de quatro mil milhões de anos pela evolução do nosso planeta, A história fascinante da gigantesca árvore genealógica que regista as relações entre todos os seres vivos: dos humanos, dos peixes e das borboletas até aos carvalhos, aos cogumelos e às bactérias. A solução do maior enigma da ciência. Uma introdução brilhante ao maior puzzle da biologia evolutiva.



Vida em Ordem

Cristina Saraiva

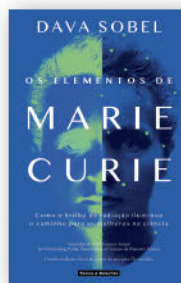
Este é o livro que vai organizar a sua vida. Cristina Saraiva, organizadora profissional, criou um guia prático, adaptado para todas as pessoas e realidades, com conselhos e estratégias para aplicar na organização da casa e gestão familiar, planear melhor as rotinas pessoais e profissionais, e aprender a ter tempo para cuidar de si.



Brevíssima História da Revolução dos Cravos

Luís Nuno Rodrigues

Uma síntese rigorosa e acessível da Revolução dos Cravos, dirigida a leitores de todo o mundo, que, reconhecendo o 25 de Abril como símbolo maior da liberdade em Portugal, dispõem agora de uma visão de conjunto sobre a sequência dos acontecimentos, os seus protagonistas e o seu significado histórico. Um período que transformou profundamente Portugal e ecoou internacionalmente.



Os Elementos de Marie Curie

Dava Sobel

Com profundo conhecimento e sensibilidade, Dava Sobel traça um retrato pessoal e profissional de Marie Curie, uma das maiores cientistas de todos os tempos e a única laureada com o Prémio Nobel em duas áreas científicas distintas: Física, em 1903, com o seu marido, Pierre, e Química, sozinha, em 1911. Uma inspiração para gerações de jovens mulheres em todo o mundo a dedicarem as suas vidas à ciência.



SAS Manual de Sobrevivência

John "Lofty" Wiseman

O ex-militar britânico criou um manual de sobrevivência para qualquer emergência, no qual lhe ensina como resistir a qualquer situação. Aprenda o que é essencial ter no seu kit de emergência, técnicas de sobrevivência nos mais diversos cenários e quais as competências de navegação indispensáveis em terrenos desconhecidos.

SAÚDE



Engolir Sapos Engorda Conceição Calhau

Guardar emoções só causa danos, levando a que os níveis de cortisol disparem. Conceição Calhau explica como o stresse e as emoções influenciam o metabolismo, fazendo o peso na balança aumentar. Entenda como funcionam os mecanismos que regulam a fome e a insulina e quais as estratégias que pode aplicar na sua vida para ter mais saúde e se libertar do peso das emoções.



Comer com Sentido João Martins

Faz tudo certo, mas mesmo assim não consegue emagrecer? João Martins, nutricionista, criou um método, *Comer Com Sentido*, para o ajudar a recuperar o equilíbrio do corpo e a perder peso de forma saudável e sustentável. Um livro para aprender a escutar os sinais do corpo, olhar para a sua saúde e começar a não lutar contra si.

DESENVOLVIMENTO PESSOAL



Muda a Tua Vibração, Muda a Tua Vida Patrícia Domingos

Este livro é um convite poderoso a recordar quem somos, por que estamos aqui e como explorar, com mais consciência, presença e leveza, este grande jogo que é a vida na Terra. Com uma linguagem clara e profundamente humana, Patrícia Domingos aborda o que significa estar vivo, sentir, vibrar, escolher e criar realidade, unindo espiritualidade, energia e vida prática.



Muito Mais do que Calorias António Pedro Mendes

Depois do sucesso de *Muito Mais do que Proteína*, o nutricionista regressa para lhe dar todas as respostas de que precisa para perder peso e desmistificar ideias, com base em evidência científica. Um livro com uma linguagem simples, com a missão de ajudar a construir hábitos saudáveis, ensinando a lidar com os desafios emocionais na perda de peso.



Família Feliz à Mesa Lisa Afonso

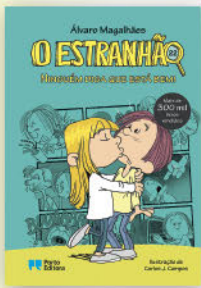
Quando se fala na alimentação infantil, as refeições podem ser bastante desafiantes. Lisa Afonso, nutricionista e criadora do projeto *Injoy Nutrição Infantil*, criou um guia para ajudar as famílias na alimentação das crianças e na sua relação com a comida. Uma abordagem centrada na parentalidade consciente para refeições mais felizes.



O Oráculo da Iluminação Patrícia Jarimba

Vivemos num mundo que parece girar cada vez mais depressa e, no meio de tantas exigências e de tanta informação, é fácil perdermos a ligação a nós próprios. Com *O Oráculo da Iluminação*, vai olhar para a sua vida e para os outros com maior clareza e consciência.

INFANTOJUVENIL



O Estranhão – Ninguém Diga que Está Bem!

Álvaro Magalhães

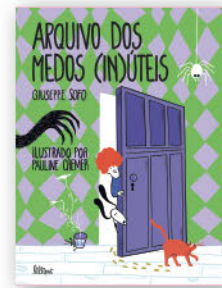
Fred só queria uma vida normal, sem sobressaltos. Mas não é de estranhar que tal seja difícil quando uma rapariga lhe dá um beijo para ganhar uma aposta e a isso se juntam as mais variadas peripécias, como ter de lutar com a maldita Matemática na escola, adotar uma aranha e ainda atravessar um longo apagão elétrico. A coleção mais divertida de Álvaro Magalhães está de regresso.



Quem Roubou a Primavera?

Orianne Lallemand e Hervé Le Goff

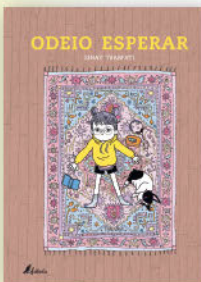
É o primeiro dia da primavera, mas a neve continua a cair. A Violeta promete à avó que vai encontrar o responsável! Entre um urso, um lobo, uma raposa e um coelho, quem será o verdadeiro ladrão da primavera? Uma aventura terna e hilariante, perfeita para explicar aos mais pequenos a mudança das estações.



Arquivo dos Medos (In)Úteis

Giuseppe Sofo e Pauline Cremer

Um livro sobre os medos que carregamos: os pequenos, os estranhos, os invisíveis. Neste arquivo, belissimamente ilustrado, desafia-se os leitores a enfrentarem os medos com curiosidade e a descobrir que não estão sozinhos. Porque há força na partilha e todos os medos merecem um lugar seguro. Afinal, também fazem parte de nós e são uma oportunidade de nos conhecermos melhor.



Odeio Esperar

Einat Tsarfati

Esperar demora muito tempo. E a heroína desta história detesta esperar, mas... e se o aborrecimento der lugar a uma aventura incrível? Um álbum que, com humor e ilustrações detalhadas, se transforma numa celebração da espera e da imaginação das crianças. Essencial para miúdos e graúdos.



Todos Podemos Voar

Elisabeth Longpre

O que nos torna únicos? No caso do Tomás, um rapaz normal, com uma vida normal, é um segredo. O Tomás tem asas, que tenta esconder, por medo de ser diferente. Com ilustrações belíssimas, este é um livro inspirador sobre identidade, coragem e empatia que lembra a crianças e adultos que todos temos asas, talentos e sonhos únicos.

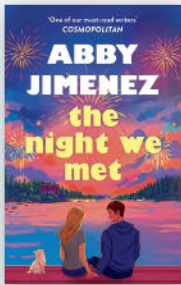


Matilde e a Girafa

Kim Gregory

A Matilde e a Girafa adoram criar arte. Mas os trabalhos da Girafa são tão bons que a Matilde acaba por ficar frustrada. Quem nunca sentiu que não está à altura? Com ilustrações coloridas e muito divertidas, esta é uma história que ensina aos mais pequenos a alegria de criar e imaginar apreciando mais o percurso e menos o resultado.

Novidades em inglês



The Night We Met

Abby Jimenez

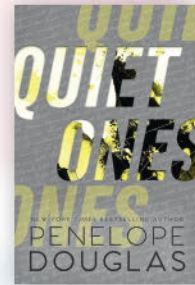
Na vida de todos, existe uma decisão tomada numa fração de segundo que pode mudar tudo. Para Larissa, essa decisão aconteceu quando teve de escolher com qual de dois rapazes iria para casa depois de um concerto. Naquela noite, ela não fazia ideia de que tinha encontrado o homem perfeito. Ela e Chris dão-se muito bem, são os melhores amigos e partilham quase tudo... Mas Chris não foi quem Larissa levou para casa há meses. Chris é o melhor amigo do seu namorado. E tudo o que ele quer é que Larissa seja feliz. Ficar de braços cruzados está a matá-lo aos poucos, mas tomar uma atitude iria destruir alguém. E ele simplesmente não é esse tipo de pessoa.



The Summer Proposal

Vi Keeland

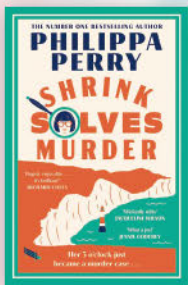
Georgia está num bar à espera de um encontro às cegas. Um homem atraente senta-se à sua frente e, embora ela perceba rapidamente que ele não é o "Adam" que ela esperava, decide entrar no jogo. O estranho, Max Yearwood, é charmoso, divertido e segue o plano, fingindo ser o tal pretendente durante toda a noite. Max é um jogador profissional de hóquei (um detalhe que ele tenta manter em segredo inicialmente) e está de passagem por Nova Iorque durante o verão. Encantado com Georgia, ele faz-lhe uma proposta tentadora: passem o verão juntos a explorar a cidade e a divertirem-se, sem compromissos a longo prazo, já que ele terá de partir quando a temporada de hóquei recomeçar.



Quiet Ones

Penelope Douglas

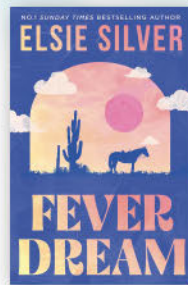
Quinn sempre teve homens a mais na sua vida. O pai, irmãos e sobrinhos. Embora ela nunca lhes tenha dado motivos para se preocuparem, tratam-na como se fosse de vidro. Mas ela esconde um segredo. Lucas Morrow, 12 anos mais velho, cresceu com a família, mas foi embora quando Quinn tinha 13 anos. Ela esforçou-se para garantir que tudo estivesse perfeito quando ele voltasse. Mas esperou anos, e talvez seja hora de seguir em frente. Lucas só pretendia voltar por uns dias, mas ela cresceu, e os irmãos estão distraídos. Se um dia ela descobrir porque é que Lucas se foi embora, vai entender que ele não é o melhor exemplo. Mas ainda é mais velho. E ela ainda precisa de supervisão.



Shrink Solves Murder

Philippa Perry

Quando um corpo é encontrado perto de Beachy Head, a polícia considera o caso um suicídio, não incomum por aquelas bandas. A psicoterapeuta local, Patricia Phillips, não está convencida. A vítima é o seu paciente das 3 horas, Henry Clayton. Pat acredita firmemente que alguém o queria morto. Passa a vida a ouvir histórias e segredos, e tem faro para uma história que não parece verdadeira. Na cena do crime, Pat começa a perceber o que os outros parecem ignorar. Consigo está o seu melhor amigo, Prichard, um cervejeiro caseiro, excelente cozinheiro, que se dá bem com todos e que o torna útil para se infiltrar na vida da vila. Enquanto Pat e Prichard investigam a vila, descobrem um assassino à vista de todos.



Fever Dream

Elsie Silver

Emmett Bush, cowboy profissional, precisa de dinheiro para salvar a quinta da família da falência e aceita ser o protagonista de um novo *reality show*, *Romance Ranch*. Até que aparece Julia Silva, inteligente, sarcástica, linda e proibida em vários sentidos. Como consultora e irmã mais nova do seu maior rival, Theo, ela é a última mulher que deveria despertar o seu interesse. Julia sabe que não se pode deixar levar pela arrogância, ombros largos e beleza estonteante. Mas a antipatia mútua transforma-se numa conexão inesperada e, depois, em algo mais. As terras e o legado da sua família dependem da participação no programa. O problema é que ele se apaixonou. E não foi por uma concorrente.



The Divorce

Freida McFadden

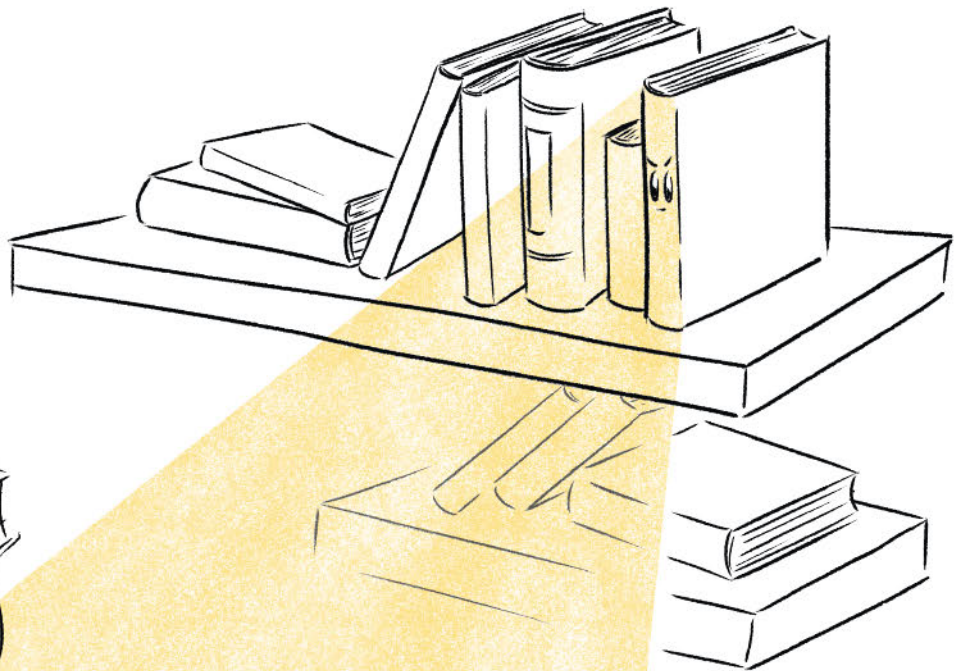
Naomi apaixonou-se, casou, comprou a casa dos seus sonhos, formou uma família... E é então que ele a expulsa de casa, contrata os melhores advogados de divórcio da cidade, esvazia as contas e começa a namorar com uma jovem de vinte e poucos anos. Naomi deveria aceitar a derrota: mudar-se para um apartamento decadente, voltar ao trabalho e reconstruir os destroços da sua vida. Mas por que o deveria fazer? Em vez disso, Naomi fixa-se na nova namorada do marido. O que começa como curiosidade cínica logo se transforma em obsessão, e depois em algo muito mais sombrio. À medida que descobre segredos, percebe que a sua própria vida pode estar em perigo. Mas e se isso mantiver a sua família perfeita intacta?

COMO SOBREVIVER À ANSIEDADE LITERÁRIA

Zé Livreiro

@confissõesdumlivreiro

De vez em quando, sou assaltado por inquietações que me tiram o sono. Sei que não estou sozinho. Há quem sofra em silêncio com problemas que, para o resto das pessoas, parecem ridículos. Pequenas angústias como perceber, a meio de um livro, que talvez tenhamos escolhido mal. A aflição de ler devagar. A tentação de riscar frases. O olhar acusador das estantes cheias de livros por ler. Não tenho respostas definitivas para nenhuma delas, mas, ao longo dos anos, fui acumulando histórias, erros e pequenas descobertas que talvez possam ajudar outros leitores aflitos.



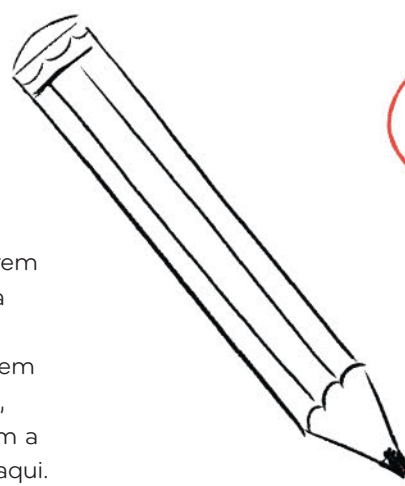
O PECADO DA LENTIDÃO

Espero não ser a primeira pessoa a dar-vos esta notícia, mas aqui vai: vamos todos morrer. Não entrem em pânico, ainda falta muito tempo. Há ainda outra informação pouco animadora. Antes de lá irmos, peço-vos que desviem o olhar deste texto e se voltem para as vossas estantes. Se não estiverem em casa, pensem nelas. Percorram-nas com os olhos ou com a imaginação. São belas estantes. Agora regressem aqui. Preciso da vossa atenção total para a frase que se segue. **Vamos todos morrer sem ter lido todos os livros que estão nas nossas estantes.** É difícil não ter um pequeno ataque de ansiedade ao pensar nisto. Ainda assim, convém manter algum otimismo.

Ler livros assemelha-se muito a viver a vida.

Aproveitamos cada página, cada dia, sabendo que aquilo não vai durar para sempre. Há quem faça batota e recorra a técnicas que prometem conceder-nos o dom de ler a velocidades estonteantes. Afinal, se conseguirmos ler mais rápido, vamos conseguir ler mais livros e, por conseguinte, ter uma vida mais preenchida. Certo? Era bom, mas não funciona assim. A leitura, como a vida, não pede velocidade. Pede atenção. Pede tempo para sentir uma frase bonita, para voltar atrás num parágrafo, para ficar alguns minutos a olhar para o vazio enquanto pensamos no que acabámos de ler. Ler depressa enche a lista de livros terminados. Ler bem é outra coisa. Ler bem é ter uma conversa boa com outra pessoa. E conversas boas não se fazem com pressa.

A Hora da Estrela, de Clarice Lispector, tem 128 páginas, mas não é um livro para ler de uma assentada. A protagonista, Macabéa, é uma rapariga discreta, quase invisível, e a sua história pede pausas. Hesita, questiona-se, volta atrás. Fala connosco como se estivesse a pensar em voz alta. Se tentarmos lê-lo depressa, perdemos metade do que ali acontece. Algumas histórias cabem em poucas páginas, mas precisam de tempo para chegar ao sítio certo. Num mundo que pede rapidez, ler é um dos últimos lugares onde podemos abrandar. Se acham que estão a ler devagar, é provável que estejam a ler exatamente como deviam.

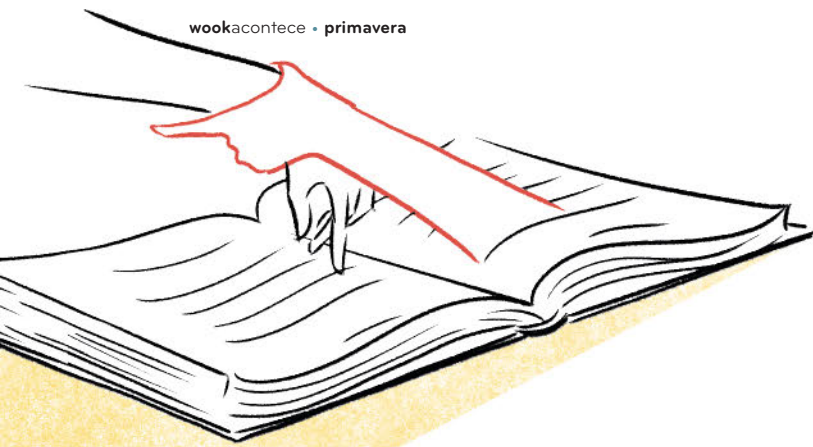


CRIMES COM LÁPIS

Piza com ou sem ananás? Leite antes ou depois dos cereais? Tomar banho de manhã ou à noite? A lista de coisas que dividem a Humanidade é longa, mas ainda há espaço para mais uma. Sublinhar livros é crime? Investiguei o assunto a fundo. Li a Constituição da República Portuguesa e o Código Penal de fio a pavio. Falei com advogados e com juizes do Tribunal Constitucional. A conclusão foi inequívoca: não é crime. Peguem num lápis perdido por casa e comecem a sublinhar como se não houvesse amanhã. Só custa a primeira frase. Depois de ultrapassada a fase de negação, vão ver que a vossa vida muda para sempre. Eu sublinho os meus livros. Dobro páginas e, quando me apetece, até as capas. Acho que toda a gente devia fazer o mesmo. Risquem-nos, anotem frases bonitas, desenhem nuvens ou corações. Mexam neles sem medo. **Os livros adoram esse tipo de atenção.** Um livro é como uma casa. Só é nosso quando tem algo de nós lá dentro.

E se alguém vos disser que estão a cometer uma heresia, lembrem-se do artigo 21.º da Constituição: «Todos têm o direito de resistir a qualquer ordem que ofenda os seus direitos, liberdades e garantias [...]». Se vos tentarem impedir de sublinhar, resistam. Chamem a polícia e, na falta de polícia, façam essa pessoa sofrer. É simples. Ofereçam-lhe **As Meninas do Laranjal**, de Gabriela Cabezon Cámara. Baseado na história verídica de Catalina de Erauso, o livro acompanha uma noviça que foge do convento, assume uma identidade masculina e atravessa meio mundo numa sucessão de aventuras, duelos e reinvenções. A prosa é tão bonita que algumas frases imploram por um lápis. Quando voltarem a encontrar essa pessoa, peçam-lhe o livro. Está todo riscado, não está? Ainda bem.





VALE A PENA INSISTIR?

Às vezes estamos a meio de um livro e começa a surgir aquela sensação estranha de que talvez tenhamos cometido um erro. Não um erro grave, como casar com a pessoa errada ou investir em criptomonedas. Apenas um erro literário. As páginas passam, os capítulos acumulam-se, e nós continuamos, firmes e disciplinados, como se estivéssemos a cumprir uma pena.

Caros leitores, a vida já nos obriga a fazer demasiadas coisas por obrigação. Não tornem a leitura numa delas. Se um livro não está a resultar, a solução é simples: fechem-no. Arrumem-no com cuidado na prateleira e sigam para outro.

O leitor anda uma vida inteira em contrarrelógio. Os livros, por outro lado, não têm esse problema. Sabem que são imortais. Aprenderam a esperar. Às vezes não existe química entre nós e eles. Outras vezes, quase sempre, livro e leitor estão em fases diferentes da vida. Como nas relações. Já me aconteceu abandonar um livro por achar a história cansativa. Jurei, a pés juntos, que não prestava para nada. Ele, pelo contrário, esperou por mim. Anos depois, quase por magia, voltei a abri-lo e só o fechei na última página.

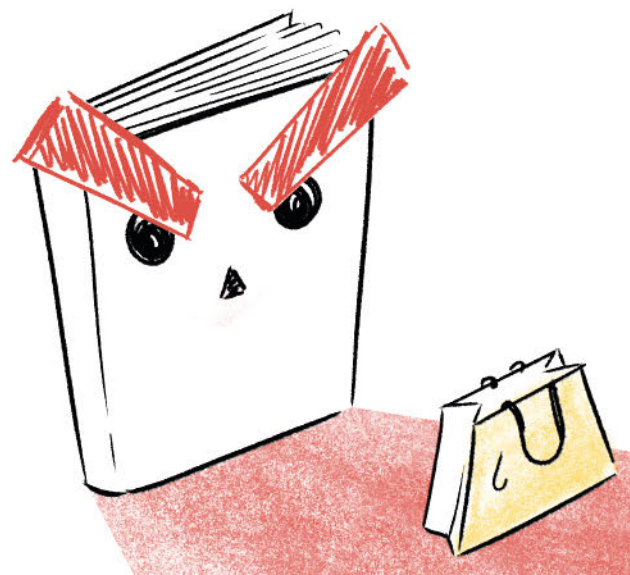
É verdade, podemos estar a ler o livro errado. Mas isso não significa que devamos dizer-lhe adeus para sempre. **As estantes estão cheias de segundas oportunidades.** Há livros que fazem tudo parecer fácil. Agarram-nos na primeira frase e não nos largam mais. Se forem fãs de histórias bem-humoradas que passam pelos olhos como se fossem filmes, apostem em **O Desfufador**, de Valério Romão. Conta a história insólita de Alejandro, um homem que foge de casa e do sonho falhado de ser faroleiro e encontra um mundo mergulhado num estranho apagão global. Se, por outro lado, procuram um livro que fique a ecoar na cabeça muito depois de o fecharem, leiam **Partida**. Num registo diferente, Barnes constrói uma narrativa delicada e introspetiva sobre a passagem do tempo, a memória e as despedidas que marcam uma vida.

O ELEFANTE (DAS ESTANTES) NA SALA

Tenho 1021 livros em casa. Contei há bocado, antes de começar a escrever este texto. Daqui a pouco vou pegar na carteira e dirigir-me à livraria mais próxima com dinheiro suficiente para comprar três livros. Ou seja, no final do dia terei 1024.

Quando tenho visitas, basta um olhar pelas estantes para ouvir, segundos depois, a pergunta do costume: "Já leste estes livros todos?". A minha resposta é sempre a mesma: "Claro que não. Deus me livre". Antes, os livros por ler juntavam-se e formavam um monstro grande e ameaçador. Dei-lhe o nome de Livramastor. A cabeça, feita de pontos de exclamação, abanava sempre que eu chegava a casa com um saco cheio de novidades. **Durante muito tempo, deixei de comprar livros com medo daquele ser medonho que transformava as minhas estantes no cabo das tormentas.**

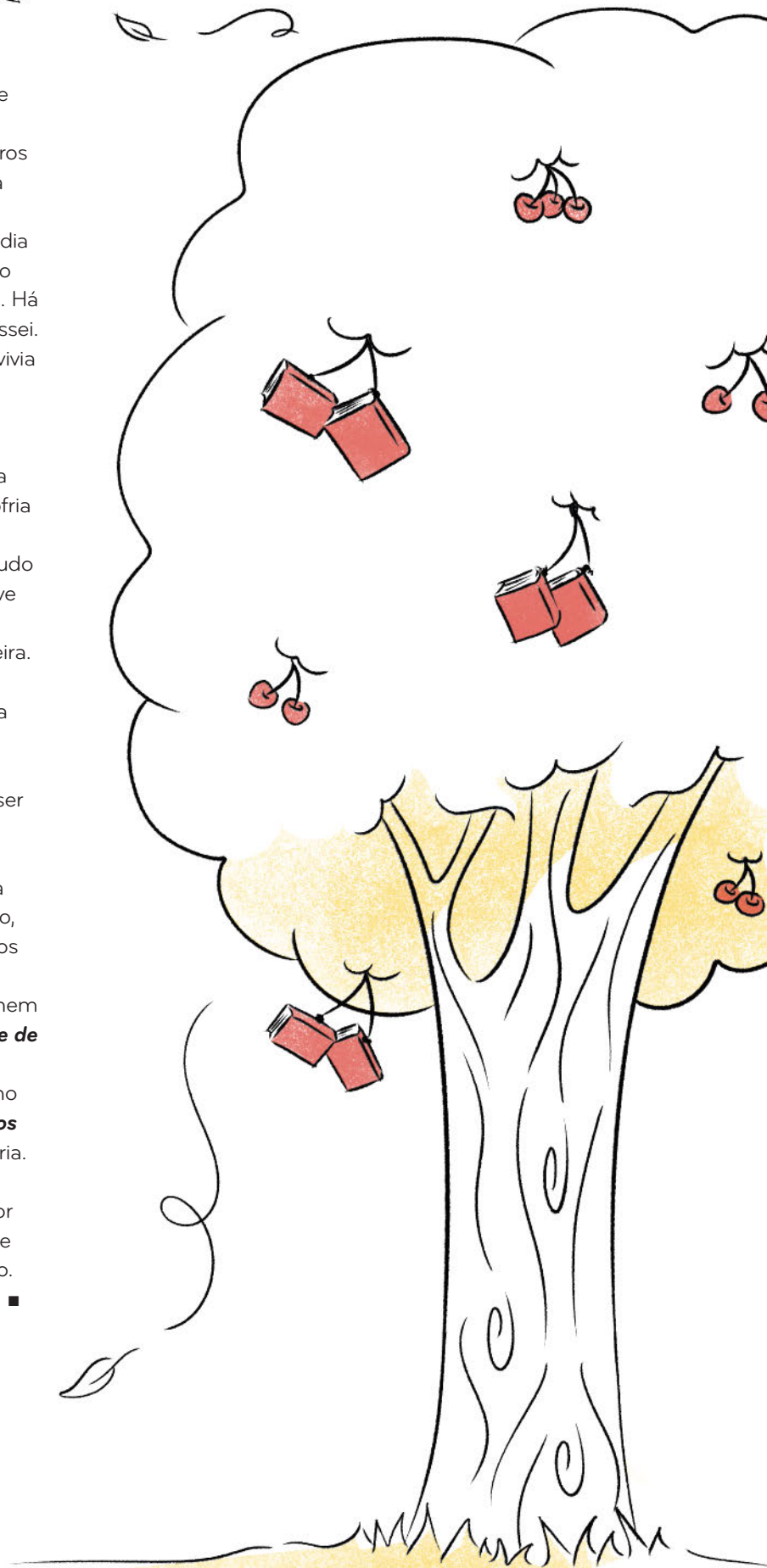
Foi Umberto Eco que me resolveu o problema. Para o escritor italiano, uma biblioteca não deve ser vista como um cemitério de livros, um lugar onde depositamos leituras terminadas. Deve ser um organismo vivo, onde os livros que lemos convivem com aqueles que ainda não tivemos tempo de abrir. São estes que realmente importam. Os livros por ler lembram-nos todos os dias de duas coisas essenciais: o quanto ainda não sabemos e o quanto ainda podemos descobrir. Uma biblioteca cheia de livros por ler não é um monumento à culpa. É um convite à curiosidade. Cada lombada é uma promessa; cada título, uma possibilidade. É importante encher as nossas casas de livros que, talvez um dia, nos encham a vida de sonhos. Até lá, ficam ali, nas estantes, a olhar para nós com um sorriso na capa, como quem diz: "Compra mais um. Prometemos não contar a ninguém."



TRAIÇÕES LITERÁRIAS

Uma vez quase enlouqueci. Era um jovem imberbe e sem grande noção das coisas, por isso peço-vos alguma compreensão. Passava o tempo livre a ler livros que encontrava na biblioteca da escola ou comprava em livrarias. Lia um livro de fio a pavio e só depois passava para outro. Era um leitor monogâmico. Um dia descobri que os livros são como as cerejas. Enquanto lemos um, pensamos secretamente em dois ou três. Há quem resista à tentação de juntar amantes. Eu fracassei. Os culpados foram um homem e uma mulher. Ela vivia entre o E e o G, numa prateleira da biblioteca da escola. Era bonita e casada. Devorava romances de amor e acreditava que a sua vida podia ser igual. Chamava-se Emma. Ele, Werther, era alemão, vivia a umas prateleiras de distância e, tal como Emma, sofria por amor. Sem pensar muito nas consequências, peguei nos dois e levei-os para casa. Teria corrido tudo bem se tivesse decidido ler um de cada vez. Mas tive pena dele e compaixão por ela, e, numa noite imprudente, coloquei-os na minha mesa de cabeceira. Tentem perceber a minha situação. Era um incauto estudante do 11.º ano de Humanidades que escrevia poemas de amor. **Sem me aperceber, tinha-me tornado um leitor poliamoroso.**

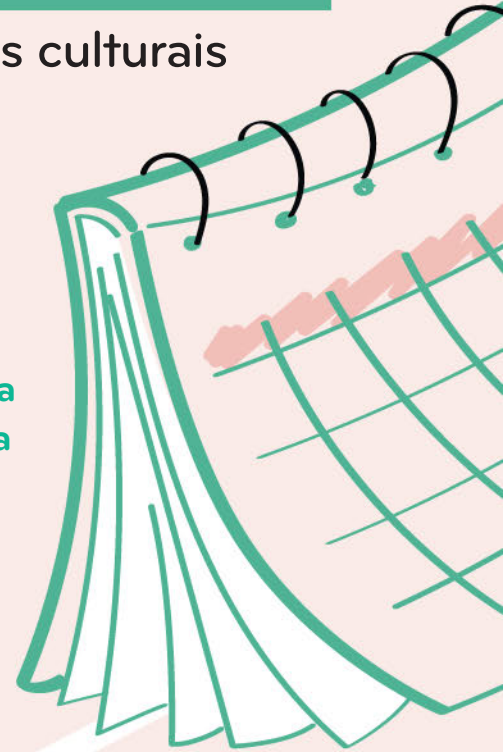
Hoje, com mais de trinta anos, nunca mais voltei a ser fiel a uma só capa. Chamem-lhe promiscuidade literária. Eu prefiro chamar-lhe liberdade. Não me arrependo dos meus atos. Imploro-vos apenas uma coisa. Se quiserem aventurar-se no poliamor literário, vão em frente, mas, por amor do santo padroeiro dos leitores sem emenda, escolham bem os livros que põem na mesma mesa de cabeceira. Nunca empilhem tragédias. Experimentem ter um caso com **O Conde de Monte Cristo**, um calhamaço cheio de aventura, e **Acolher**, uma novela capaz de deixar uma lágrima no canto do olho. Ou misturem o surrealismo de **Contos do Gin Tonic** com a poesia introspectiva de Daniel Faria. Tenham as relações que quiserem, mas pensem primeiro na vossa vida. Não queiram ser aquele leitor caído em desgraça, andrajoso e de olhar perdido, de quem toda a gente comenta em voz baixa: "Coitado. Era boa pessoa, mas escolheu mal as companhias". ■



ROTEIRO CULTURAL WOOK

Feiras do livro e eventos culturais que não pode perder!

Todos os anos, de norte a sul, o país celebra o mundo dos livros com eventos que reúnem milhares de leitores com escritores, editores e livreiros. A Wook tem vindo a fazer parte destes palcos – da Feira do Livro de Lisboa à Feira do Livro do Porto. Aproveite este calendário para programar os seus dias de festa entre livros!



FEIRAS DO LIVRO E FESTIVAIS LITERÁRIOS

1 CORRENTES D'ESCRITAS Póvoa de Varzim – Cine-Teatro Garrett

📅 Fevereiro

O mais relevante encontro anual de escritores de língua portuguesa e espanhola reúne escritores, leitores, editores e criadores num espaço de debate, celebração literária e diálogo ibero-atlântico.

2 HÚMUS – FESTIVAL LITERÁRIO DE GUIMARÃES Centro Cultural Vila Flor

📅 Março

Festival centrado na literatura contemporânea e no diálogo entre autores, inclui debates, entrevistas de vida, apresentações de livros, programação infantojuvenil, exposições e uma mini feira do livro.

4 FEIRA DO LIVRO DO PORTO Jardins do Palácio de Cristal e Biblioteca Municipal Almeida Garrett

📅 21 de agosto a 6 de setembro de 2026

Um dos encontros literários mais concorridos e apetecidos na Invicta, reúne leitores, editoras, autores e criadores num ambiente verde e descontraído.

3 FEIRA DO LIVRO DE LISBOA Parque Eduardo VII

📅 27 de maio a 14 de junho de 2026

O maior evento literário do país apresenta milhares de livros, centenas de editoras, sessões de autógrafos e a tradicional "Hora H" com descontos, consolidando-se como um ponto de encontro essencial entre autores e leitores.

5 FÓLIO – FESTIVAL INTERNACIONAL DE ÓBIDOS**Óbidos****8 a 18 de Outubro de 2026**

Este prestigiado evento anual celebra literatura, arte e cultura com autores mundiais, exposições e concertos.

6 ESCRITARIA**Penafiel****Outubro de 2026**

Todos os anos, Penafiel escolhe um autor e celebra a sua vida e obra através de exposições, instalações artísticas, *performances*, debates, leituras encenadas, conversas públicas e intervenções no espaço urbano.

7 UTOPIA – FESTIVAL LITERÁRIO**Braga****Novembro**

A literatura como ponto de partida para conversas, *workshops*, espetáculos, sessões com escolas e jantares literários, num evento que congrega universidades, bibliotecas, livrarias e agentes culturais.

OUTROS EVENTOS CULTURAIS QUE A WOOK RECOMENDA**8 COMIC CON****Europarque, Santa Maria da Feira****23 a 26 de abril de 2026**

O maior encontro de cultura *pop* em Portugal, reunindo num único espaço os principais universos do entretenimento: cinema, séries, *gaming*, banda desenhada, literatura, *anime*, *cosplay* e cultura *pop*. Fãs, criadores e comunidades encontram-se para viver experiências imersivas e celebrar as histórias e personagens que marcam gerações.

9 FEIRA AFONSINA**Guimarães****11 a 14 de junho de 2026**

Um evento que transforma o centro histórico em um verdadeiro cenário medieval. Ao longo de quatro dias, milhares de visitantes poderão percorrer espaços temáticos, celebrando os feitos do primeiro rei de Portugal.

11 FESTA DOS POVOS AQUA FLAVIAE**Chaves****Terceiro fim de semana de agosto**

Anualmente, a cidade de Chaves regressa ao Império de Tito Flávio Vespasiano, através de um mercado galaico-romano que é palco principal de manjares, saberes ancestrais, simulações bélicas, recriações mitológicas, interpretações musicais, bailados, *circus maximus* e cortejos.

10 VODAFONE PAREDES DE COURA**Praia Fluvial do Taboão, Paredes de Coura****12 a 15 de agosto de 2026**

Um dos mais antigos e conceituados festivais de música de verão em Portugal, realizado anualmente. Famoso pelo seu anfiteatro natural e ambiente alternativo, foca-se no *rock*, *indie* e música alternativa, com forte aposta tanto em nomes consagrados como em novos talentos.



João Piosa

R
L
O
O

©Flávio Silva



Duarte Brandão

Vera Dantas

Entrevista

Sara Duarte Brandão venceu o **Prémio Wook Novos Autores 2025** com o seu primeiro romance, *Quem Tem Medo dos Santos da Casa*. Esta jovem autora, formada em Design de Comunicação e Estudos Literários, revela como a obra nasceu do encontro entre palavras e imagens. A beleza das esculturas de santos de Altino Maia, renegadas pela comunidade piscatória da Afurada na década de 1950, e escondidas desde então, causou-lhe uma comoção que a fez querer escrever uma história que lhes rendesse homenagem. A autora fala-nos da necessidade de criar a protagonista Maria Teresa – uma mulher que desobedece para existir –, do medo do desconhecido, das comunidades que se fecham para não ver e da coragem íntima que move as suas personagens. Olha ainda para a maternidade como lugar de falha e de força, e para a solidão como um animal que nos obriga a olhar-nos de frente. Espelho de uma nova voz literária, este romance é um diálogo entre tradição e criação, entre o individual e o coletivo. Um livro em que, segundo Sara Duarte Brandão, cada leitura reescreve o que ficou dito.

O teu percurso académico vai do Design de Comunicação aos Estudos Literários. Continuas ligada às artes visuais ou cada vez mais pertences ao mundo das letras?

Acho que as artes visuais e as letras estão muito mais de mãos dadas do que queremos acreditar. Vivo sempre nesse limbo entre uma e outra. Portanto, acabo por precisar sempre das palavras para me dizer, mas também não fujo da expressão plástica.

A inspiração para *Quem Tem Medos dos Santos da Casa* é um acontecimento real extraordinário. O que te fez transpô-lo, como metáfora, para o teu primeiro romance?

A beleza das figuras do Altino Maia. Apaixonei-me por aqueles santos e fez-me muita confusão saber que os tinham renegado. Como é possível que, mesmo não gostando, se tenha exigido que aquelas figuras fossem escondidas? Foi a minha comoção perante aquelas imagens que me fez querer escrever a história.

Por que é que, neste livro e na realidade, a arte que inquieta é sempre a mais ameaçadora?

Acho muito interessante que um dia de celebração total se tenha transformado numa confusão imensa, precisamente porque as pessoas foram surpreendidas. Esta ideia de a surpresa transformar algo bonito num horror tem algo de misterioso. Hoje podemos interpretá-la com curiosidade, porque mostra que as pessoas não sabem tudo — ou quase nada. E esse confronto com o desconhecimento é um dos maiores medos gerais. Onde eu vejo liberdade no desconhecimento, aquela comunidade sentiu medo. E esse medo torna mais fácil renegar do que perguntar, conhecer, descobrir e perceber o que nos inquieta.

O que te levou a criares a protagonista Maria Teresa, dividida entre a obediência e a liberdade interior?

Quando descobri a história, surgiu automaticamente a ideia desta mulher, muito influenciada pelas obras que estava a ler na altura, nomeadamente da Maria Teresa Horta. Foi necessário criar uma personagem que tivesse de enfrentar desafios, que fosse confrontada com algo com que não concorda, para criar um diálogo entre a vida dela e a existência dos santos. Era importante que ela vivesse a desobediência. E, para ser desobediente, é preciso algo que nos incomode. A partir dela é que surgiu o meio onde vivia, e não o contrário. Tudo foi construído à volta da Maria Teresa.

A leitura e a tapeçaria são barreiras protetoras ou uma forma de libertação para Maria Teresa?

Eu diria que são de libertação, embora dependa da perspetiva. Para o mundo exterior, são barreiras que fazem com que este não tenha de se confrontar com aquela pessoa. Mas quero crer que, para ela, são de libertação.

O que surge no diálogo entre tradição e criação no artesanato?

A expressão artística é sempre um diálogo profundo e realista com o mundo. Há coisas que vemos nos livros, ou numa pintura ou estátua, e depois acontecem na realidade. Quis mostrar que a Maria Teresa prevê coisas através das tapeçarias que trabalha. Tal como as mulheres que bordaram os lenços de amor: talvez não imaginassem que teriam escolaridade igual à dos homens, mas contribuíram para isso. É importante estarmos atentos ao artesanato e à expressão plástica, porque podem ser sinais de alerta para revoluções possíveis.

Foi difícil equilibrar a intimidade das personagens com o peso da comunidade da vila piscatória?

A comunidade foi surgindo à medida que as personagens se montavam. E o rio acaba por ser quase uma personagem: cria a diferença entre o lado de cá, onde a Maria Teresa vive a infância e juventude, e o lado de lá, criando uma comunidade mais fechada, que reage de determinada forma porque não viu mais. Não é que aquelas pessoas fossem movidas por pura maldade, mas antes por um forte sentido de pertença, o que faz com que qualquer personagem que irrompa nesse coletivo acabe por ser disruptiva. Não só a Maria Teresa, mas também o próprio padre, uma figura muito importante dessa vila piscatória. E é precisamente essa disrupção que permite trabalhar o individual e o coletivo de uma forma não brusca, mas mais fluida.

Qual é a importância da amizade entre Maria Teresa e a pequena Joana?

Quando comecei o livro com a Maria Teresa adulta, senti que precisava de uma criança que funcionasse como uma espécie de redenção para a sua personagem. Ela não tem propriamente a relação mais próxima com a filha, e as crianças têm esta capacidade magnífica de nos ensinar muito mais do que nós, adultos, gostamos de admitir. São ingénuas, mas não de uma ingenuidade vazia — é uma ingenuidade profunda. A Joana surge para ajudar a Maria Teresa

a perceber que as coisas se renovam, que a vida é feita de ciclos e que podemos sempre recomeçar, perdoar aquilo que fomos e aquilo que fizemos. Essa força, tão realista e transformadora, só podia vir de uma criança: curiosa, sem vergonha de o ser, que tem dúvidas, que questiona e provoca.

As personagens principais deste romance são movidas mais pela coragem ou pela necessidade?

É preciso coragem para enfrentar aquilo que se acredita ser necessário e, no caso dessas personagens, há uma certa urgência em ver e viver as coisas de forma distinta. Há nelas uma coragem que as empurra para essa urgência, ainda que se manifeste de formas diferentes. A personagem do avô da Maria Teresa acaba por ser alguém cuja coragem se exerce dentro de casa, enquanto o padre é um corajoso que quase tem de carregar às costas aquela comunidade com as suas decisões. No fundo, o que move estas personagens é a coragem e a necessidade que a impulsiona.

A dimensão trágica neste livro é uma forma de revelar sentimentos mais autênticos?

Quando escrevo, há muitas coisas que são baseadas naquilo que vivi enquanto pessoa. Tenho alguma consciência de que a tragédia não é o cliché do "vem sempre quando menos se espera". Às vezes até se espera — mas ela impõe-se, torna-se algo mais forte do que tudo aquilo que nos ocupava a cabeça. Nesse sentido, no livro, acho que foram acontecendo coisas que já anunciavam que algo de mau podia acontecer, mas, de repente, isso ganha um peso muito maior do que o resto, e ajuda a perspetivar. A tragédia é tão importante como o que é bom — como o amor — para criar dimensões. Sem acontecimentos mais drásticos ou mais felizes, as coisas acabam por acontecer num plano totalmente irreal, que não é humano. E eu queria muito que estas personagens fossem humanas.

«Somos sempre muitas coisas e, mesmo sozinhos, precisamos de nos confrontar para nos sabermos.»

Certas personagens só se abriram em momentos de grande fragilidade...

Para mim foi muito importante conseguir um reflexo da realidade, porque há personagens que nunca foram realmente convidadas a olhar para si próprias. Por exemplo, a mãe da Maria Teresa cumpria uma determinada função na vida, mas isso não significa que tivesse consciência de si mesma ou das suas próprias vontades. Quando há um momento que quebra tudo aquilo que conhece, nasce nela a necessidade de se resgatar. E, para nos resgatarmos, temos de nos conhecer. É apenas através dessa perda que ela ganha a capacidade de se pensar. E, ao pensar-se, revela-se e até se surpreende a si própria. Essa descoberta inesperada aproxima-a da Maria Teresa e torna a maternidade mais real.

Quiseste também explorar as contradições da maternidade nesta história?

Ser mulher tem camadas. É como Simone de Beauvoir dizia: «Não se nasce mulher, torna-se mulher». E a maternidade acaba por vir agregada a essa ideia. Maria Teresa, por ser uma boa mãe, toma algumas decisões que são mais difíceis. Ela é extremamente materna. Simplesmente, às vezes, as coisas não nos acontecem nos momentos certos, e existe, sobretudo no caso das mães, uma tendência para serem mais facilmente culpabilizadas do que compreendidas. No caso da Maria Teresa, o leitor não é obrigado a sentir compreensão, mas o livro abre espaço para tal. Era isso que me interessava: que existisse a possibilidade de a maternidade ser muitas coisas ao mesmo tempo — ser o erro, a falha, mas ser também, de certa forma, a solução, mesmo que não seja da forma idealizada.



A frase «A solidão é um bicho com a pele na primeira pessoa e os órgãos na terceira» podia resumir este livro?

Sim, até para as próprias figuras dos santos – neste livro, também tenho um certo diálogo com o leitor, precisamente porque acho que a obra é já muito mais de quem a lê do que de quem a escreveu. E isso é assim no amor. Mesmo a ideia de amor-próprio, para mim, é sempre reflexiva: tem de haver uma forma de me ver para que possa gostar de mim. Há sempre um diálogo entre o singular do “eu” e o singular do “ele” ou “ela”, que acaba por tornar tudo bastante plural. Somos sempre muitas coisas e precisamos de nos confrontar para nos sabermos.

Como te sentiste ao vencer o Prémio Wook Novos Autores 2025?

Foi mesmo uma grande surpresa. Estou sempre muito mais preparada para não ganhar – no mundo das artes e da literatura, as pessoas estão habituadas a muitos mais “nãos” do que “sins”. Já estava feliz só por me sentir no mesmo patamar dos autores que foram nomeados. Portanto, fiquei totalmente surpreendida e, obviamente, muito grata por acreditarem neste livro.

Que escritores mais te inspiram?

A Maria Teresa Horta e a Maria Lamas foram uma presença muito forte na altura em que eu estava a escrever este livro. Sou inspirada por dezenas e dezenas de autores. O Saramago é um autor que eu nunca consigo deixar de parte. Leio muita poesia da Ana Luísa Amaral, da Adília Lopes. A Sophia também acaba por ser uma presença muito forte. O Daniel Maia Pinto Rodrigues tem um sentido de humor que eu

adorava conseguir ter. Há muita gente. Gosto muito de ir lendo o que se publica atualmente e acho que vamos fazendo um bom trabalho de publicar obras novas. Leio poesia, romances, não ficção, banda desenhada. Recentemente, de autores brasileiros, gostei muito de ler livros da Mar Becker e do Julián Fuks. Mas há autores e autoras a quem regresso muitas vezes – às vezes só por um verso ou uma frase – porque preciso de me reencontrar, quase, como as Três Marias e o José Saramago.

Os livros são uma companhia constante na tua vida?

Eu levo sempre um livro para todo lado, mesmo quando não faz sentido nenhum que tenha um livro comigo.

Que lugar é que este livro ocupa no teu percurso como autora, e o que virá a seguir?

Para já, este livro ocupa um lugar estranho: é por causa dele que o meu trabalho está a ter mais visibilidade, mas não é necessariamente o trabalho de que eu mais gosto. Gosto igualmente de todos os trabalhos, embora por razões muito diferentes. Escrevi este livro num momento de quase rutura com a hibridez em que eu vivia, entre a poesia e a prosa. E ele veio comprovar que posso, sim, continuar a escrever como quero, ou como me apetece no momento. Foi mais um desafio. E, sempre que faço alguma coisa, tem de ser um desafio.

Quanto ao futuro, não tenho nada propriamente para anunciar, mas sinto que estou mais próxima da poesia agora do que de um novo romance. Para mim, é bom não saber qual é o próximo projeto; se souber, perco a vontade. É bom que ele surja e que eu o deixe acontecer. ■

«É importante estarmos atentos ao artesanato e à expressão plástica como sinais de alerta para revoluções possíveis.»

A complexidade das relações familiares,
num romance amplamente elogiado pela crítica.

Três nomes. Três vidas.
Uma escolha que muda tudo.

Os Nomes



«Um sucesso absoluto:
comovente, evocativo
e totalmente convincente.»
THE TIMES

«Radicalmente original
e emocionalmente
profundo.»
OBSERVER

Florence Knapp

 Porto
Editora

 Porto
Editora

Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor

O Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor celebra-se a 23 de abril. O objetivo é celebrar o livro, promover a leitura e a propriedade intelectual. Mas conhece o motivo para a escolha desta data ou qual é a entidade que instituiu esta efeméride?

Descubra estas e outras curiosidades sobre o Dia Mundial do Livro e ganhe 5 € em cartão Wookmais! Use o código QR desta página para responder às perguntas e, se for um dos primeiros 30 participantes a acertar em todas as questões, ganha 5 € em cartão Wookmais!

1 O Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor celebra-se a:

- a) 1 de janeiro.
- b) 23 de abril.
- c) 1 de maio.
- d) 23 de setembro.

2 A data homenageia dois dos maiores autores da literatura mundial que faleceram neste dia. Quem são?

- a) Shakespeare e Cervantes
- b) Shakespeare e Camões
- c) Cervantes e Molière
- d) Molière e Camões

3 Que instituição internacional criou, em 1995, o Dia Mundial do Livro?

- a) ONU
- b) UNESCO
- c) UNICEF
- d) Comissão Europeia

4 Depois do Rio de Janeiro, em 2025, qual a cidade escolhida para ser a Capital Mundial do Livro, em 2026?

- a) Madrid
- b) Rabat
- c) Atenas
- d) Guadalajara

5 A data escolhida tem também raízes numa festa popular da Catalunha (Espanha), que nesse dia venera o seu santo padroeiro. Como se chama esse santo?

- a) Sant Joan
- b) Sant Magí
- c) Sant Antoni
- d) Sant Jordi

6 Nesse dia, na Catalunha, celebra-se a cultura e o romantismo, e é tradição:

- a) trocar chocolates por livros.
- b) oferecer livros e rosas.
- c) oferecer livros e chocolates.
- d) oferecer vinho e livros.

7 Qual é o livro mais traduzido e vendido de sempre?

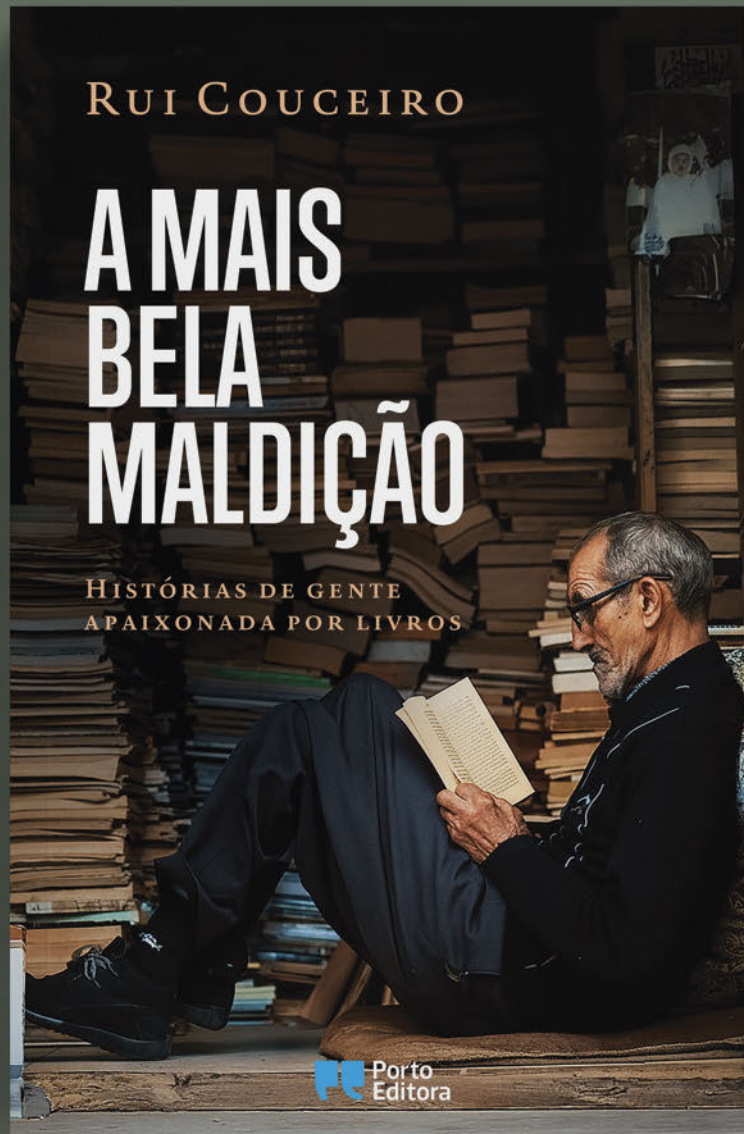
- a) *Dom Quixote de La Mancha*
- b) *A Bíblia*
- c) *O Príncipezinho*
- d) *Romeu e Julieta*

8 Qual foi o primeiro livro impresso em Portugal, em 1487?

- a) *Os Lusíadas*
- b) *O Pentateuco*
- c) *Auto da Barca do Inferno*
- d) *Sermão de Santo António aos Peixes*



Uma homenagem aos livros
e aos leitores que lhes dedicam a vida



«Rui Couceiro traça, de fisionomia em fisionomia,
o retrato de todos nós, amantes incorrigíveis dos livros.»

Irene Vallejo

entrevista

Itamar
Vieira
Junior

©Uendel Galter

«A experiência colonial criou um *ranking* de vida e de valor que não conseguimos desconstruir.»

Vera Dantas

Itamar Vieira Junior, vencedor dos Prêmios LeYa, Oceanos, Jabuti e Montluc, é hoje um dos autores mais influentes da literatura brasileira contemporânea. O escritor veio a Portugal para o lançamento de *Coração Sem Medo*, o derradeiro volume da sua Trilogia da Terra, iniciada com o arrebatador *Torto Arado* e continuada com *Salvar o Fogo*, e esteve à conversa com o wookacontece.

Itamar evoca o impacto transformador da sua convivência com as comunidades do Brasil profundo, explicando também como o sentido de existência dos povos autóctones lhe abriu novas maneiras de pensar o mundo. O escritor fala da persistência das hierarquias coloniais que ainda marcam o quotidiano brasileiro, da coragem das mulheres negras que moldaram o seu imaginário e da violência e força que atravessam *Coração Sem Medo*, um romance em que a cidade se torna território hostil e até o corpo é posto em disputa.

Este escritor, que «escreve com o corpo», entrega-se ao poder da literatura para restituir a humanidade onde esta foi negada, revelando o que significa escrever a partir de uma experiência social segregada e marcada por apagamentos. A literatura, acredita, tem o poder de resgatar as histórias e de lhes dar um sentido.



Como consegues transformar realidades tão difíceis em romances?

Há algo que torna as coisas mais fáceis: a literatura, por mais que seja dura, que tenha o pé na realidade, é feita de subjetividades, de sentimentos. Ela é o momento em que nós, criadores, podemos restituir a humanidade que às vezes é retirada de uma personagem.

Dizes que escreves com o corpo.

O que quer isso dizer?

É uma coisa visceral. Carregamos muitas memórias no corpo – como se chora, se corre, o que é sentir fome ou dor. Por isso, quando escrevemos, arrepiamo-nos, emocionamo-nos, choramos e também nos divertimos, sentimos prazer, e é porque o corpo está ali inteiro ao serviço. Durante muito tempo existiu a ideia de que o escritor tem um intelecto que paira sobre tudo, que é a fonte da inspiração e que é algo extracorpóreo. Mas eu penso que está tudo aqui [aponta para o corpo] – nada existe sem este corpo, e é ele que está a escrever também. A imaginação também não é algo fora do corpo, é uma avalanche de hormonas que permitem que sonhemos e pensemos nas coisas mais extraordinárias da vida, mesmo as que não vivemos.

Há um balanço entre imaginação e conhecimento?

Há sempre uma ligação, e aprendemos com tudo. Quando falamos do conhecimento, pensamos na educação formal e no que nos é transmitido pela família. Mas o conhecimento é o contacto do ser humano, do corpo, com o mundo; das coisas a que nem prestamos atenção, pode surgir conhecimento. Se ler, vou saber qual a textura de uma árvore, mas, se observar, vou descobrir coisas que nem estão escritas sobre ela.

Como foi descobrir, no terreno e em pessoa, o Brasil profundo, que inspirou *Torto Arado*?

O primeiro choque foi negativo, mas a experiência e a convivência com aquelas pessoas foram-me dando um sentido de mundo, de vida, que eu não tinha, que é muito rico e que aparece nas três histórias. É o que faz com que essas personagens, tanto da vida real quanto da ficção, apesar da vida dura e da grande violência à sua volta, ainda encontrem forças para existir. Descobri uma maneira de conviver com a terra, com a fauna e a flora, que nós, que vivemos na cidade, perdemos. Há algo ali que não se quebra, que é intrínseco à nossa humanidade: essa vontade de viver, de transpor os desafios, de encontrar novos caminhos.



Além da dureza dessas vidas, a sua ligação à terra foi algo que também quiseste passar para o livro?

Vivemos numa realidade em que impera o paradigma ocidental, que diz que temos o mesmo corpo, mas culturas diversas. Os indígenas, os povos originários do Brasil, dizem o contrário: há muitos corpos – o nosso corpo humano, o corpo da pantera, do papagaio, da arara, da árvore –, mas todos compartilhamos a mesma cultura. Ou seja, em todos os seres, a alma é aquilo que, *a priori*, nós chamaríamos de humanidade. Os indígenas olham para o rio, para a montanha, para uma árvore, como um ser de vida. O mundo ocidental perdeu esse sentido; transformou tudo o que não é humano em mercadoria.

Quando encontramos essas pessoas e começamos a entender que há paradigmas diferentes que nos podem retirar dessa encruzilhada em que estamos, há uma espécie de resgate. Precisamos de olhar para o nosso planeta como um todo, como um sujeito de direito, e negociar a nossa vida com ele. Temos algo a aprender com os povos autóctones.

Que arco une os livros da Trilogia da Terra?

Eu acho que é o peso da nossa História no quotidiano das personagens. O Brasil já está independente há 200 anos, mas a experiência colonial é um modelo que não conseguimos desconstruir, que nos faz exaurir tudo para transformar em riqueza, concentrada nas mãos de alguns. Foi no momento colonial que se criou uma hierarquia entre os seres humanos: aqueles que explorariam e os que seriam explorados — os indígenas, as pessoas negras que vieram da diáspora para o Brasil. A escravidão acabou na lei em 1888 mas, na prática, a sociedade ainda não conseguiu desconstruir esse *ranking* de vida e valor.

É olhando para o que aconteceu no passado que podemos entender por que, no presente, um jovem negro é executado pela polícia sem direito à defesa; por que motivo as pessoas negras ainda vivem maioritariamente nas áreas periféricas das cidades brasileiras, têm os menores salários e o menor índice de alfabetização. É uma sociedade ainda segregada. Não é um compromisso da literatura, mas nós que escrevemos e estamos a registar o nosso tempo, inevitavelmente vamos refletir sobre a nossa História. Mas as três narrativas também apontam para um futuro de esperança, em que a mudança passa por todos nós, inclusive pelos que leem essa história e são tocados por ela.

Sentes que os teus livros estão a contribuir para resgatar essa História e as suas consequências?

Muitos leitores dizem que, depois de lerem *Torto Arado*, *Salvar o Fogo* e *Coração Sem Medo*, foram procurar as suas origens, compreenderam processos que antes não conseguiam entender. A literatura tem esse poder de alcançar pessoas das mais diferentes origens e formações. Mesmo que não tenha a profundidade de um estudo científico, continua carregada dessa dimensão subjetiva da vida, feita de sentimentos, que faz com que as pessoas olhem para si, para o mundo à sua volta e para a sua história de uma maneira que nem imaginavam ser possível.

E há novos escritores brasileiros, como Geovani Martins, a denunciarem os problemas do seu país...

Sim, a literatura brasileira vive uma espécie de primavera, de florescimento de novas vozes. O Brasil tem a dimensão de um continente. A linguagem, a história no Sul, no Norte, no Nordeste, no Centro-Oeste, é diversa por natureza. E nós não tínhamos acesso a esse Brasil pela arte, com honrosas exceções. Hoje há um movimento muito forte, tanto de artistas como de leitores e espectadores, que querem conhecer esse Brasil.

Foi o contacto com a oralidade dos habitantes do interior brasileiro que moldou o teu estilo narrativo?

Vivi um momento decisivo quando, ao ouvir as pessoas falarem com aquela narrativa cheia de harmonia, ritmo e um compasso próprio, percebi que havia ali um grande projeto para mim — um projeto estético simples, mas com a capacidade de comunicar algo relevante a quem está do outro lado. Claro que precisei de fazer uma mediação entre o modo de falar dessas pessoas e a escrita, para transformar essa matéria em linguagem literária com a minha marca.

Mas a cada livro experimento coisas novas, coloco-me em pontos de vista diferentes.

Quando comecei a escrever *Coração Sem Medo*, escrevi seis vezes os dez primeiros capítulos; experimentei escrever na primeira pessoa, na terceira, alternar personagens capítulo a capítulo — e nada me convencia. Até que disse a mim mesmo: "É este o tom da história." Há um mistério nisto que não conseguimos explicar. Acho que precisamos de saber qual é a história que queremos contar e, ao ler em voz alta, percebemos se aquilo corresponde ao que a história pede ou não. Só precisamos de paciência para experimentar.

«O que me moveu foi o poder humanizador da literatura [...]. Era algo que precisava de ser escrito.»



É curioso ouvir-te dizer isso, porque a narrativa de *Torto Arado* não sofreu alterações.

Houve um hiato de quase vinte anos entre a primeira versão e a versão publicada do livro. Tentei escrever essa história aos 16 anos: escrevi oitenta páginas e abandonei, porque não tinha condições de prosseguir. Quando voltei a ela, já estava tão vivida, tão madura, que fluiu. Mas isso só foi possível porque houve esse tempo em que eu não escrevia a história, mas a imaginava e fazia anotações. E quando finalmente chegou, já tinha a maturidade necessária. Não é assim com os outros livros. Acho que cada um me aponta o caminho e me mostra o que essa história exige para existir, para ser escrita.

Como evoluiu a tua compreensão do protagonismo das mulheres negras, fortes e vulneráveis, ao longo da trilogia?

Cresci na cidade de Salvador, com uma herança fortíssima da diáspora africana e com mais de 1200 terreiros de candomblé [templos afro-brasileiros], que são verdadeiras comunidades, na maioria lideradas por mulheres.

Ter crescido nesse ambiente em que as mulheres ocupam esse papel adverso e difícil, mas ao mesmo tempo reagindo, lutando, fez com que no meu imaginário exista algo de heroico nelas. E quando pensei nestes livros, achei que elas teriam de aparecer em primeiro plano, contando as histórias.

A literatura é esse espaço de criação mágico que nos permite transmutar, ser qualquer coisa dentro do pacto ficcional que fazemos com o leitor. Gosto desse ambiente de experimentação e liberdade. E talvez por isso estas mulheres apareçam com tanta frequência e com tanta força nas minhas histórias.

Em *Coração Sem Medo*, a protagonista, Rita Preta, vive uma perda num ambiente de violência e racismo. O que significa ter coragem neste contexto?

A Rita vai vivendo essa experiência cruel de procurar um filho que desapareceu sem deixar vestígios, numa cidade que não pode habitar por igual, que a hostiliza, em que é segregada. E precisa de encontrar nas histórias do passado, das suas avós, o que essas mulheres, que viveram experiências adversas, fizeram para poder prosseguir com a vida. É dessa maneira que ela vai afastando aquele medo que durante toda a vida a acompanhou.

Porque o medo não a protegeu do pior – o desaparecimento do filho. Para falar com os bandidos,

ir aos hospitais, à morgue, à procura desse filho, ela precisa de afastar o medo. E vai descobrir que todas aquelas que vieram antes dela precisaram de coragem para encontrar a beleza na vida. Apesar das perdas, o dia sucede à noite, os nascimentos renovam a vida, o que lhe vai dando um sentido. Eu queria chegar ao lugar mais íntimo dessa experiência: o que faz com que uma pessoa, apesar de uma perda brutal e imensa, continue a viver? A Rita vai descobrindo isso ao longo da história.

A ligação da Rita Preta aos seus antepassados foi uma forma de continuares a evocar a ligação à terra presente nos livros anteriores da trilogia?

Sim, mas de forma diferente. Nos dois primeiros romances, a terra está em disputa – a primeira por uma família que vive praticamente escravizada numa fazenda; a segunda numa comunidade que vive sob o domínio de um mosteiro da igreja católica, que é detentora da terra.

Coração Sem Medo está voltado para a história dos desterrados, que vão descobrir que a cidade é um território em disputa. E, pior, que o corpo, que é a nossa primeira casa, também o é, e que pode ser atingido pela violência. A Rita vai descobrir isso de uma maneira muito cruel.

Pensar essa trilogia a partir da forma como nos relacionamos com a terra, com o chão, com o espaço vital da nossa vida, deu-me uma noção muito maior do que essas histórias precisavam de narrar. Embora partam de personagens individuais, estão no fundo a querer alcançar essa experiência social que é maior e diz respeito à nossa humanidade. Foi assim que eu as imaginei.

O desaparecimento de um filho às mãos de uma polícia violenta, injusta, é o motor narrativo deste romance. Porque decidiste abordar este tema tão presente no Brasil?

Eu cresci no Brasil a assistir, a ler nos jornais, a ouvir os vizinhos a falarem das histórias desses jovens que desaparecem de maneira abrupta. Alguns têm uma ligação com organizações criminosas, mas são executados sem direito à defesa, como se não houvesse um estado democrático de direito. Outros simplesmente desaparecem.

É de tal forma que no Brasil falamos de um genocídio que está em curso, que nunca acabou, daqueles que não fazem parte de uma elite, que são herdeiros da diáspora e das sociedades indígenas, e que ainda

estão vulneráveis na nossa sociedade – eles podem ser mortos.

Eu percebi, através de obras literárias, desde a tragédia grega até à contemporaneidade, que estas histórias se conectam e que este drama é o drama da Humanidade. E precisava de demonstrá-lo através da literatura. Essas mães negras, periféricas, injustamente culpabilizadas pela sociedade, continuam a viver este drama numa escala inimaginável.

O que foi mais difícil na escrita de *Coração Sem Medo*?

Primeiro, foi reviver essas memórias duras. Cresci na periferia de Salvador, tenho irmãos e vivia com medo de que essas coisas chegassem à nossa porta. Era um medo persistente, permanente. E aquilo que acontecia revoltava-me.

A Rita Preta desce literalmente ao inferno para saber o que aconteceu ao filho. Histórias como esta vêm todos os dias nos jornais, mas as pessoas aparecem desumanizadas. O que me moveu foi o poder humanizador da literatura, mesmo sendo muito difícil escrever passagens dessa história. Eu via-me envolvido, a chorar, a precisar de parar para respirar e voltar noutro momento, porque é forte. Mas não tive medo. Era algo que precisava de ser escrito.

O filho de Rita Preta, Cainho, que escreve sobre as partes desconhecidas do desaparecimento do seu irmão Sid, é um alter ego teu?

Há um pouco de mim em Cainho, mas também na revolta e nos sonhos do Sid, e na procura por justiça da Rita Preta. Mas há algo que considero mais valioso dizer: a literatura permite que Cainho tenha uma história. Quando, na última parte de *Coração Sem Medo*, "Os Cadernos de Cainho", o destino de Sid nos é contado, nunca saberemos se foi imaginado ou se de facto aconteceu. Isso não importa. Nós, que tivemos uma História tão conturbada pela experiência colonial, pela escravidão, pelas ditaduras, vimo-la ser simplesmente apagada. Mesmo que não seja a verdade factual, a literatura tem o poder de lhe restituir uma história que lhe foi negada. Essa imaginação preenche algo em nós que é difícil de mensurar: dá-nos um sentido.

Que escritores portugueses te marcaram de forma mais significativa?

O primeiro escritor português que me arrebatou, aos 14 anos, foi Eça de Queiroz, com *O Primo Basílio*. Fiquei apaixonado pelas personagens tão fortes, tão

complexas, como a Juliana, a empregada que vai impor uma vingança de classe aos patrões; nunca tinha visto nada parecido. Depois li *O Crime do Padre Amaro* e *Os Maias*. Estes três livros marcaram-me profundamente e fizeram-me querer escrever também. Depois, foi o José Saramago. Comecei com *A Jangada de Pedra* e não parei mais de o ler. Foi uma grande inspiração, porque Saramago tem uma maneira nova de contar histórias – que têm um pé em Portugal, mas também um sentido universal.

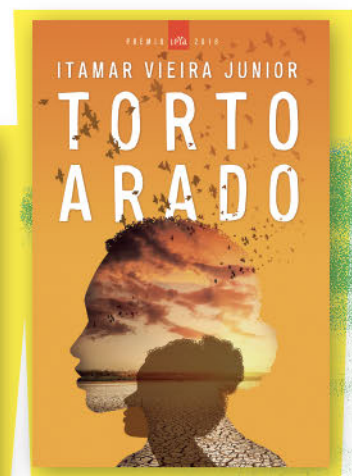
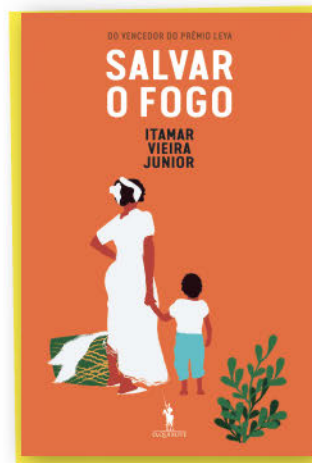
Gosto muito da maneira como Hélia Correia desenvolve as histórias, da sua profundidade, do trabalho muito bonito com a linguagem. *Adoecer* é um dos livros mais marcantes que li.

E poetas portugueses?

Sophia de Mello Breyner Andresen é, para mim, uma das grandes poetisas. Fernando Pessoa tem um lugar muito especial. E Maria do Rosário Pedreira – é a minha editora em Portugal, mas posso dizer isto honestamente, pois ela é uma autora reconhecida – é também uma grande poetisa; os seus livros têm uma escrita muito da alma e comovem-me, emocionam-me; ela dá o tempo devido a cada palavra.

Já tens em vista um novo projeto literário?

Neste momento estou muito dedicado aos lançamentos de *Coração Sem Medo*. Mas já estou ansioso por voltar para o meu escritório, que é a minha caverna. Para começar, preciso de estar cercado dos meus livros, das minhas coisas, daquele ambiente familiar que é a casa.





Pedro Domingos*



A Inteligência Artificial (IA) é uma oportunidade extraordinária para Portugal, mas para tirarmos máximo partido dela é necessário compreendermos o que é e não é, para que serve e não serve, e a sua relação com a inteligência humana.

A definição popular de IA é que é a automatização de capacidades intrinsecamente humanas como o raciocínio, a visão, a linguagem e a aprendizagem. É uma definição perfeitamente razoável, mas infelizmente promove a confusão com a inteligência humana, e essa confusão tem uma série de consequências extremamente indesejáveis.

É, portanto, importante conhecermos também a definição

técnica: **a IA é a resolução de problemas intratáveis por métodos**

heurísticos. Ao contrário do resto da informática, que lida com problemas que podem ser resolvidos eficientemente, a IA lida com problemas que levam tempo exponencial a resolver. É então necessário recorrer a métodos heurísticos, que podem ser extremamente poderosos, mas são também inevitavelmente falíveis. A IA abrange, portanto, coisas que os seres humanos fazem, mas também coisas muito diferentes e formas muito diferentes de as fazer.

Uma das lições que aprendemos a grande custo nos últimos 50 anos é que **as melhores aplicações para a IA são precisamente o oposto do que nos diz a intuição.** O trabalho administrativo é fácil de automatizar.

O trabalho manual é difícil. Etc. As tarefas quotidianas são fáceis para nós e difíceis para os computadores, porque a evolução levou 500 mil anos a aperfeiçoar-nos para elas. As tarefas que precisam de um curso superior são precisamente o contrário: difíceis para nós, mais fáceis para os computadores.

A nossa tendência irresistível a projetar características humanas sobre os sistemas de IA leva frequentemente a que imaginemos que eles têm capacidades muito diferentes das que realmente têm.

Para compreender qual vai ser o impacto da IA na economia e no trabalho, devemos olhar de forma pragmática para a questão. **O principal efeito**

económico da IA não é substituir os humanos, é baixar

enormemente o custo da inteligência. E quando o custo

baixa, a procura aumenta. A IA vai tornar possível uma vasta quantidade de aplicações que hoje mal

podemos imaginar, tal como sucedeu com as formas anteriores de automatização. E quando o custo de um produto baixa, o valor dos seus complementos sobe. Quando o custo da manteiga baixa, o valor do pão sobe. E o grande complemento da inteligência artificial é a inteligência humana. O resultado é que vai haver

* Professor de Ciências da Computação na Universidade de Washington, autor do livro *A Revolução do Algoritmo Mestre*, distinguido em 2014 com o *ACM SIGKDD Innovation Award*, o mais prestigiado prémio em inovações técnicas com impacto duradouro na teoria e prática da ciência de dados.

mais empregos que antes, e vão ser mais bem pagos — mais uma vez tal como se passou com outras formas de automatização.

É além disso, quando o custo dos produtos baixa, sobra-nos mais dinheiro depois de os comprarmos, e podemos gastá-lo noutras coisas — aumentando o emprego e os salários em setores que não têm à partida nada a ver com a IA, como a restauração e a construção civil. E o resultado de tudo isto é a melhoria da qualidade de vida de todos.

A grande preocupação hoje em dia é com as coisas que tanto a IA como os humanos podem fazer, e em que os humanos podem potencialmente ser substituídos por ela — esta pequena interseção aqui. Mas a quantidade destas coisas é pequena comparada com a quantidade de coisas que os humanos fazem bem e a IA não, e vice-versa. E o mais importante é a quantidade ainda maior de coisas que os seres humanos e a IA em conjunto vão poder fazer que individualmente não poderiam. Esta grande área é onde nós devemos concentrar os nossos esforços.

Mas o efeito da IA não vai ser apenas na economia e no trabalho. A longo prazo, o efeito mais importante vai ser melhorar o funcionamento da sociedade e da democracia. Por exemplo, os sistemas de recomendação que são hoje utilizados para recomendar filmes, música, produtos e *tweets* podem também ser utilizados para recomendar em quem e no que votar. O resultado é: eleitores que votam mais de acordo com os seus interesses sem terem que, para isso, gastar muito mais tempo a informar-se, políticos que compreendem melhor os eleitores, e votos sobre questões de granularidade muito mais fina do que é hoje possível.

Mas isto é apenas um pequeno exemplo. **A vocação fundamental da IA é melhorar grandemente a nossa inteligência coletiva, em todas as áreas.** A IA recebe conhecimento dos colaboradores humanos, aprende e raciocina, e responde às perguntas dos utilizadores. Por sua vez, utiliza os resultados para aprender mais e para dar *feedback* aos colaboradores. Desta forma, uma sociedade permeada pela IA funciona incomparavelmente melhor que uma sociedade sem ela.

Infelizmente, o que se passa hoje na Europa é que as pessoas estão tão preocupadas com os potenciais perigos da IA que nos arriscamos a estrangulá-la com regulações. O *AI Act*, por exemplo, é um golo na própria baliza que nos vai custar triliões de euros sem benefícios comensuráveis.

Isto não significa que não haja perigos associados à IA, mas os perigos reais são diferentes dos que recebem

mais atenção dos *media*. Os quatro perigos com que as pessoas estão obcecadas — os quatro cavaleiros do Apocalipse — são a desinformação, a discriminação, o desemprego e a extinção causados pela IA. Mas estes perigos são hipotéticos ou imaginários — tal como os quatro cavaleiros do Apocalipse originais. Há montes de artigos sobre eles, mas nenhum caso demonstrado de danos causados pela IA através deles.

O grande perigo da IA é a estupidez artificial — decisões erradas tomadas todos os dias por sistemas que têm falta de conhecimento, de senso comum, de inteligência real, porque são simplesmente modelos treinados com os dados disponíveis.

O outro grande perigo da IA é a sua **utilização por maus agentes**, como estados totalitários e criminosos.

E a cura para todos estes perigos é mais e melhor IA: para tomar melhores decisões, para cometer menos erros, para apanhar os criminosos e para ganhar a corrida contra os totalitários — uma corrida que é inevitável e, se a perdermos, terá sérias consequências económicas, políticas e militares.

Ironicamente, todas as soluções propostas para os perigos imaginários da IA revolvem em torno de a limitar e restringir — precisamente o oposto do que é preciso para combater os perigos reais. E todas também envolvem a centralização do controlo da IA, o que ironicamente a torna menos segura, não mais, como nos ensinou o sucesso do *software open-source*. Portugal está numa posição única para tirar partido da IA, se conseguir evitar os erros em que outros países estão a cair. Tem uma comunidade de investigação em IA de primeira linha e de dimensões desproporcionadas às do país. Tem indústrias em que pode ser líder na aplicação da IA. Tem potencialmente uma agilidade que países maiores terão dificuldade em igualar. O exemplo da Estónia e da digitalização é instrutivo. De república soviética transformou-se num dos países mais bem-sucedidos da União Europeia, em grande parte devido às suas políticas e iniciativas bem pensadas e executadas no domínio digital. Portugal pode ser a Estónia da IA.

Obviamente, há entraves psicológicos, sociológicos, económicos e políticos. Para os ultrapassar, é preciso haver vontade política, iniciativa empresarial e participação de todos. Por isso, pergunto-vos: estamos prontos?

Se estamos, vamos a isto. ■



À conversa com...

Luís Saraiva

Editor de BD ASA/Leya

Luís Morais

Olá, Luís! És o maior editor de banda desenhada (BD) em Portugal, quer analisando o número de títulos publicados, quer analisando as vendas no mercado nacional. Como se lida com essa responsabilidade de ser "o editor de BD" em Portugal? Motiva ou condiciona o teu trabalho?

Estou sempre motivado por ter a possibilidade de trabalhar no que mais gosto. O meu principal objetivo é conseguir sempre o melhor livro, o melhor argumento e o melhor desenho. Como é evidente, nem sempre é possível, mas gosto de estar a par de tudo o que de bom se vai fazendo na banda desenhada e de contribuir com um catálogo amplo e diversificado, que permita aos nossos leitores ter a oportunidade de ler bons livros de banda desenhada em português.

Quando descobriste a BD e/ou tomaste a decisão de: é isto que adoro e é isto que quero fazer?

Sempre fui um leitor de banda desenhada e sempre achei fascinante o processo editorial. Em 2007, entrei para o grupo LeYa e tive desde logo a oportunidade de entrar em contacto com a banda desenhada, através das coleções que eram publicadas na altura com o jornal *Público* (foram 38 coleções, com mais de 400 livros, ao longo de 15 anos).

Durante esse período, enquanto responsável por essas iniciativas, tive a oportunidade de aprender muito sobre edição, em particular sobre edição de banda desenhada, que tem muitas especificidades. No final de 2022, foi-me proposto o desafio de me dedicar a tempo inteiro à edição da ASA BD, e não hesitei. Era a "oportunidade".

Muitos leitores portugueses ainda associam a BD ao *Astérix*, *Tintin*, *Lucky Luke*, etc. Mas a BD diversificou-se nos últimos anos, e hoje temos *comics*, manga, novelas gráficas...

Achas que o leitor de BD está a migrar dos "clássicos" para estes novos géneros ou são novos leitores que estão a chegar à BD?

Acho que a banda desenhada em Portugal está a amadurecer e a acompanhar a evolução do mercado lá fora. O nosso mercado tem sempre uma dimensão e um ritmo diferentes, mas o caminho está traçado, e a evolução já é visível nos números, tanto ao nível das vendas globais como da quantidade e variedade de títulos publicados anualmente.

Esta evolução permite que os editores nacionais comecem a apostar mais nestas novas tendências e a diversificar a sua oferta.

Não diria que o consumo está a migrar, pois vemos as novidades recentes do ***Astérix***, ***Blake e Mortimer***, ***Michel Vaillant*** e muitos outros ditos *old school* a continuarem a ter sucesso de vendas ano após ano, mas sim que há um aumento do mercado como um todo, no qual se incluem essas novas tendências. Atualmente, a banda desenhada tem vindo a alargar o seu espetro de influência e a conseguir captar novos públicos, em especial os mais jovens.

Em França, a BD é um caso sério de sucesso e lida de forma transversal na sociedade francesa. Em Portugal, achas que poderemos ter, daqui a alguns anos, um cenário idêntico? Ou a BD continuará a ser vista como algo apenas "para miúdos"?"

Claramente a acompanhar o que se sucede lá fora! A banda desenhada é um segmento que está em plena fase de afirmação em Portugal e que já consegue atrair públicos de todas as idades. Talvez ainda esteja estruturada por grupos etários: a banda desenhada franco-belga para os mais velhos e saudosistas, os *comics* americanos para os jovens adultos e a manga japonesa para os mais novos. Porém, atualmente, a banda desenhada começa a misturar-se cada vez mais, e as chamadas *graphic novels* estão mesmo a conseguir globalizar o género por todas as faixas etárias.

Quando me refiro a *graphic novels*, estou a falar de um conceito relativamente novo em Portugal, que se centra num livro com uma história ou narrativa específica, normalmente com apenas um volume, em que o desenho ou a ilustração complementam o

argumento de forma natural, sem estarem necessariamente organizados em vinhetas e balões convencionais.

Portugal é um país pequeno e com poucos leitores regulares. Achas que isso limita o crescimento da BD ou, pelo contrário, abre oportunidades para "nichos"? Que estratégias é que a ASA tem adotado para fazer crescer a BD num mercado de menor dimensão?

Sim, o tamanho reduzido de Portugal limita sempre o crescimento de qualquer atividade. No entanto, não me parece que o problema seja apenas a falta de leitores de banda desenhada.

Durante muitos anos, devido à falta de oferta nacional, os leitores portugueses habituaram-se a ler livros nas suas versões originais. Felizmente, isso está a mudar, com cada vez mais editores (pequenos e de maior dimensão) a publicar livros de banda desenhada de enorme qualidade nas suas diversas vertentes. Isso, sim, contribui para fidelizar os nossos leitores às edições nacionais.

Por outro lado, a oferta era muito restrita e parecia destinada a uma pequena elite. Porém, este cenário tem vindo a mudar, e as propostas atualmente disponíveis no mercado são cada vez mais diversificadas, permitindo atrair públicos de todos os géneros e idades. Só assim é possível atrair novos leitores.

A estratégia da ASA assenta, pois, nestes dois pilares: qualidade e diversidade.

Qual foi a coleção/autor que mais prazer te deu trazer para Portugal e porquê?

Trata-se de uma pergunta difícil de responder, pois existem muitas opções. No entanto, dado serem duas apostas muito recentes vindas do outro lado do Atlântico (EUA) e com dinâmicas totalmente diferentes, apontaria para o ***Final Cut*** e o ***Ginseng Roots***. Estou a falar do Charles Burns, com o livro *Final Cut*, que nos apresenta uma história interessante em que a banda desenhada se comporta como uma componente do processo da indústria cinematográfica. Depois, o Craig Thompson, com o livro ***Ginseng Roots***, mais uma obra autobiográfica do autor de ***Blankets***, muito científica e atual, na qual o tema da globalização e o seu impacto no mundo atual é muito bem retratado.

Dois livros absolutamente essenciais para quem gosta de bom desenho e argumentos com novas abordagens.

Quando recebes uma proposta de publicação de BD, o que te faz dizer logo “sim, isto tem de ser publicado”? E o que te faz dizer “não, vamos deixar isto para outro momento mais oportuno”?

Tenho por hábito olhar sempre de duas formas distintas.

Em primeiro lugar, analiso as tendências do mercado, os argumentos e os autores, e, por último, o eventual momento celebrativo que possa potenciar e estimular os leitores.

A segunda forma é sempre uma visão pessoal: olhar para o livro como algo que eu, enquanto leitor, gostaria de ver publicado.

O que consideras mais importante para o sucesso de um livro de BD: a ilustração ou a história?

Sendo a banda desenhada uma forma de literatura que conjuga o desenho e o argumento, não é fácil distinguir qual é mais importante. De facto, a imagem fala de forma indireta, podendo ser mais poética, abstrata, realista, etc., e só por isso é muito importante. Por exemplo, *Um Oceano de Amor*, de Gregory Pannacione, é um excelente exemplo de como é possível ter um livro muito rico e maravilhoso sem uma única palavra em mais de 200 páginas.

No entanto, um bom livro tem de começar sempre por uma boa história. O desenho é a forma de a representar.

O que distingue um editor de ficção de um editor de BD? A que tipo de aspetos técnicos, que passam despercebidos à maior parte dos leitores, tens de ter atenção quando editas um livro de banda desenhada?

Boa pergunta! Um editor de banda desenhada é um editor de ficção. No entanto, o que o distingue dos editores de outros géneros é o facto de um livro de banda desenhada ser analisado não apenas pela narrativa, descrição e diálogos, mas também pelas ilustrações. As ilustrações têm o poder adicional de nos transportar visualmente para uma história, retratar ambientes e ajudar a identificar personagens distintas. No fundo, transmitem sensações e estímulos adicionais.

Um livro de BD tem, pois, uma experiência múltipla. Como se costuma dizer, uma imagem vale mais do que mil palavras.

Obrigado, Luís! Para terminar, diz-nos uma coisa: se só pudesses salvar uma coleção ou autor de BD da prateleira da ASA em caso de desastre apocalíptico, qual seria e porquê?

Adoro a pergunta! Faz-me pensar, e a minha cabeça anda às voltas com tantas opções possíveis. No entanto, se for 100% racional e honesto, a coleção que salvaria de um desastre dessa dimensão seria a coleção completa do *Tintin*.

Apesar de estar a dinamizar as novas vertentes da banda desenhada e de promover uma linguagem visual e narrativa mais ajustada aos nossos dias. A coleção de *Tintin*, escrita e ilustrada por Hergé, é um marco fundamental no segmento da banda desenhada. Para mim, foi com ela que tudo começou. Hergé procurou, através das suas viagens e incansáveis pesquisas, que os seus álbuns tivessem uma precisão histórica e cultural irreprensíveis, foi o ponto de partida para aquilo que se apelida de Nona Arte. Além disso, as técnicas de desenho e pintura foram evoluindo gradualmente no seu percurso, bem como o recurso à fotografia como ferramenta de pesquisa e à escultura como base técnica para a modelação do seu trabalho, contribuíram positivamente para um resultado de excelência. Hergé foi um entusiasta das artes plásticas integradas e a BD foi no fundo o resultado de toda essa integração.

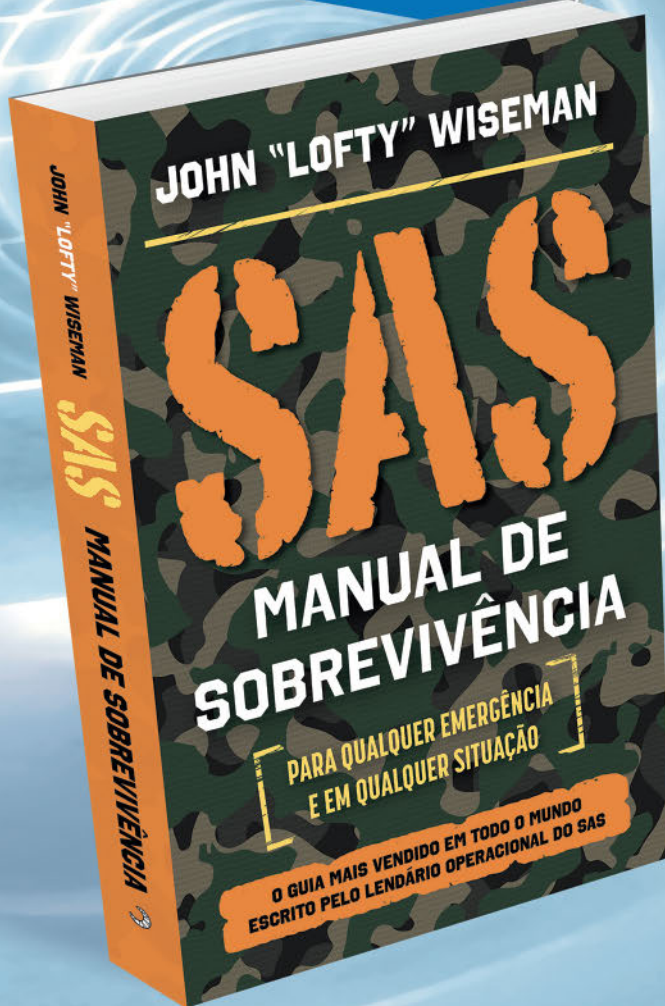
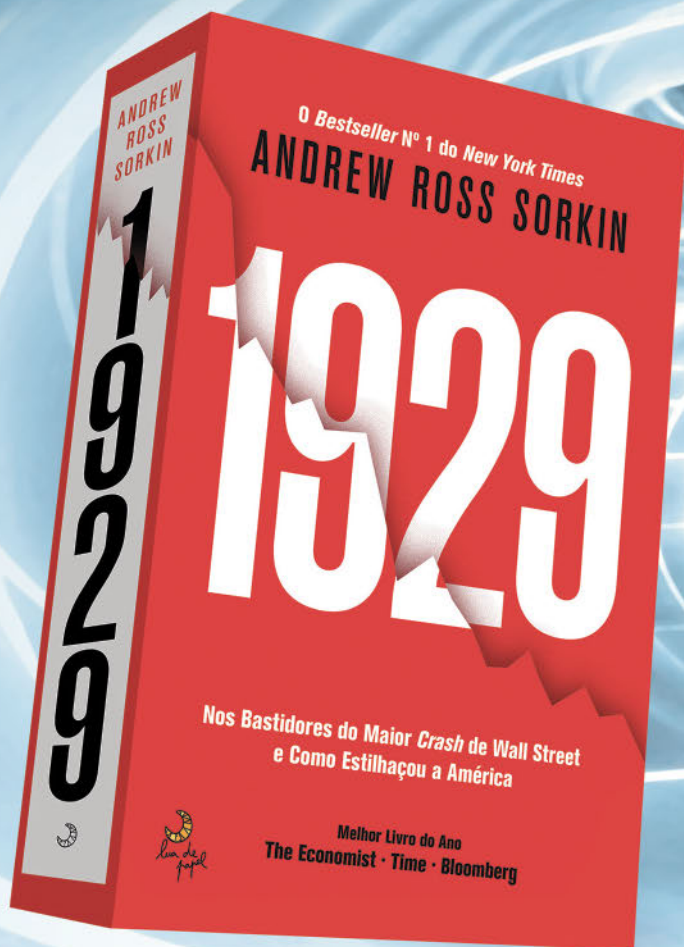
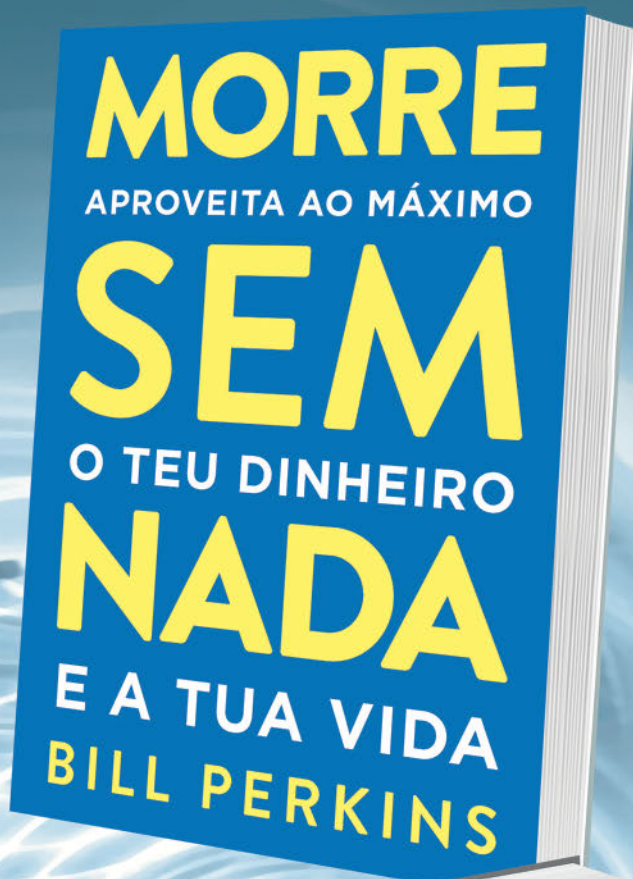
Sei que existem muitos livros polémicos nesta coleção que, nos dias de hoje, poderiam ser alvo de críticas e ajustamentos. Porém, não deixam de ser um registo temporal, evolutivo e de enorme qualidade e rigor técnico, tanto ao nível do desenho como do argumento.

Não posso terminar esta entrevista sem falar da banda desenhada feita por autores nacionais, até porque existem cada vez mais, muitos e bons, ilustradores portugueses a trabalhar afincadamente nesta área. A ASA foi, durante muito tempo, a editora de referência na publicação de obras de BD de autores nacionais, tendo sido responsável pela divulgação de muitos nomes atuais de nomeada da banda desenhada portuguesa. Nos últimos tempos, isso não tem acontecido com a regularidade desejada. Porém, a nova estratégia da ASA BD também aborda essa linha editorial.

A nossa abordagem passa por atrair bons argumentistas do mundo literário nacional para o meio da banda desenhada. Contamos começar em breve a divulgar novidades neste sentido.

OBRIGADO!!! ■

O MUNDO
ESTÁ CHEIO
DE INCERTEZAS.

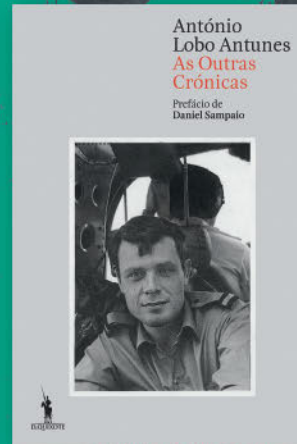
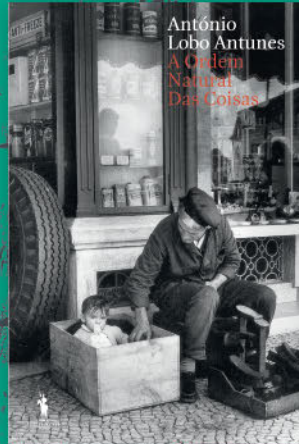


O MELHOR É LER ...
E ESTAR PREPARADO.



António

Por onde começar a ler:



Uma lembrança
de que a grande
literatura continua
a ajudar-nos a
entender quem
somos

Vanessa Pereira

Falar de António Lobo Antunes é tentar descrever alguém que escapa a explicações simples. Na literatura portuguesa contemporânea, poucas vozes são tão únicas, tão imediatamente reconhecíveis como a sua. Não escrevia por mero gosto, mas por uma "estranha força interior" que o impelia, quase como uma urgência vital.

Cresceu num ambiente familiar e intelectual que estimulou desde cedo a sua sensibilidade literária. Ainda assim, seguiu o caminho da família e ingressou em Medicina na Universidade de Lisboa, especializando-se mais tarde em Psiquiatria, uma escolha que acabaria por marcar profundamente o escritor que viria a ser. No contacto diário com as fragilidades humanas, com aqueles que muitas vezes são ostracizados e apelidados de "malucos", encontrou histórias que o espantaram, o emocionaram e lhe deram, dizia ele, a melhor lição de teoria da literatura que poderia ter recebido.



Em plena Guerra Colonial, António Lobo Antunes foi mobilizado como médico militar para Angola. A violência, a morte e o sofrimento que testemunhou deixaram marcas profundas e tornaram-se um dos alicerces da sua escrita. A guerra, nas suas obras, aparece como uma ferida portuguesa ainda por sarar, um trauma que atravessa gerações: o regresso difícil, a reintegração falhada e a perda de rumo. São temas que se repetem, não por insistência, mas porque continuam a doer.

Em *Fado Alexandrino*, um grupo de antigos combatentes reencontra-se muitos anos após a guerra, confrontando memórias que tentaram esquecer. Já em *O Manual dos Inquisidores*, Lobo Antunes desmonta, com lucidez dolorosa, as estruturas de poder e a hipocrisia social que marcaram a transição política portuguesa. São livros que procuram compreender as fraturas históricas que moldaram o país que somos hoje. Em Portugal, foi distinguido com vários prémios, entre os quais se

talvez, se sentiam demasiado intimidados pela restante obra. As memórias de infância, a família que o moldou, as mulheres que passaram pela sua vida, os amigos, os amores e os desamores, a vida que pulsa e a morte que inquieta. Entrelaça tudo isto com encontros fortuitos com desconhecidos, pequenas histórias de viagem, descobertas em restaurantes de bairro e, como seria inevitável, reflexões sobre a escrita e os livros; sem dúvida oferecem um retrato mais amplo e humano da

Lobo Antunes

A sua estreia literária, em 1979, com *Memória de Elefante*, já revelava a recusa firme das narrativas tradicionais. No mesmo ano, *Os Cus de Judas* afirmou-o como uma das vozes mais marcantes da literatura portuguesa, expondo a experiência da guerra num discurso contínuo, visceral, por vezes quase alucinado. Com *Conhecimento do Inferno*, encerra um primeiro ciclo profundamente autobiográfico, mas já apontado para algo mais vasto: a exploração radical da condição humana. Nos seus livros, o leitor é acolhido num fluxo de consciência em que passado e presente se confundem, no qual as histórias surgem devagar, conduzidas por memórias, associações e imagens que nos atingem de forma íntima. A sua escrita exige atenção, entrega, e convida-nos a participar na construção do sentido. Não é uma leitura fácil, mas é uma travessia que recompensa profundamente quem se permite entrar nela.

destaca o Prémio Camões, em 2007. A nível internacional, recebeu o Prémio Ovidio (2003) e o Prémio Europeu de Literatura (2001), sendo recorrentemente apontado como candidato ao Prémio Nobel da Literatura.

A sua obra atravessou fronteiras: foi traduzido, estudado e reconhecido internacionalmente. No entanto, para ele, escrever nunca foi um destino glorioso, mas um trabalho duro, rigoroso, de permanente construção e reconstrução. Na sua última entrevista, disse com a franqueza que o caracterizava: «Escrever é uma coisa muito difícil e fico sempre espantado por haver tanta gente a fazer livros.» Numa voz mais próxima e despojada do que aquela que encontramos nos seus romances, António Lobo Antunes abre-nos a porta para um universo vasto de temas nas suas crónicas que o tornaram um nome constante na imprensa ao longo de muitos anos e o aproximaram de leitores que,

versatilidade e do talento de Lobo Antunes.

Hoje, ocupa um lugar incontornável na literatura portuguesa, não só pela vastidão da sua obra mas pela forma como expandiu os limites do romance e da linguagem. Foi um verdadeiro explorador da experiência humana, alguém que transformou a memória num território literário onde identidade, história e emoção se cruzam. Ler António Lobo Antunes é aceitar entrar num espaço onde tudo é mais exigente, mas também mais verdadeiro. Onde há momentos de humor inesperado e outros em que a dor da vida se sente com toda a força. E não é isso a grande Literatura? ■

Veja aqui a
entrevista que
o autor deu à Wook



MENOPAUSA:

Sara Pais

A menopausa é o momento em que o corpo decide fazer uma festa-surpresa, com confetes imaginários em forma de ondas de calor, e oferece um postal a dizer: «Lembras-te de quando eras adolescente e tudo era imprevisível? Então vamos repetir novamente, mas agora desbloqueamos novos sintomas, sem te dizer quando aparecem, enquanto continuas com todas as responsabilidades de vida de adulta.»

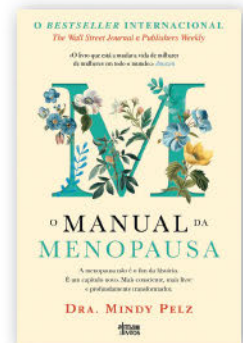
A menopausa permite-nos descobrir que afinal estivemos a esconder superpoderes durante toda a nossa vida — conseguimos suar mais do que numa aula de *hot yoga* sem fazermos qualquer esforço, podemos mudar de humor como se estivessemos a fazer *zapping*, ou o nosso cérebro descobre um novo passatempo e mantém-nos acordadas durante a noite, sem razão aparente. Estes são apenas alguns dos sintomas que acompanham as mulheres quando abraçam esta nova fase e, honestamente, mais vale juntar gargalhadas e algum humor para tornar tudo mais suportável, mesmo sendo um tema sério que afeta a qualidade de vida de muitas mulheres. Como tudo o que envolve a saúde da mulher, até agora, a menopausa não vinha com manual de instruções, mas os livros começaram a aparecer, como os sintomas, e reunimos alguns para a orientar.

A Revolução da Menopausa, de Lisa Vicente, é o título perfeito para um livro sobre esse tema, dadas todas as transformações hormonais que acontecem no corpo da mulher durante a perimenopausa e a menopausa. Lisa Vicente, médica ginecologista, vem falar sobre esta questão sem vergonhas nem tabus para compreendermos o que se

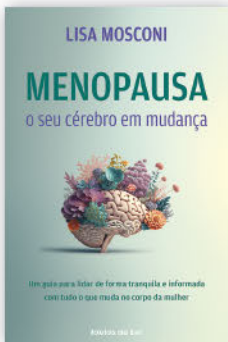


passa no nosso corpo e, assim, vivermos com mais saúde, equilíbrio e bem-estar. Os seus anos de experiência clínica e de investigação refletem-se nos conhecimentos claros e perceptíveis para todos ao longo da leitura. Este livro é um guia essencial para ficarmos a conhecer o nosso corpo, as transformações hormonais que vão acontecendo ao longo dos anos, assim como o que acontece antes, durante e depois da menopausa. A vida sexual é uma das principais vítimas, mas a autora explora os desafios que podem ser sentidos e de que forma podem ser contornados para que os impactos não sejam tão grandes. Atualmente, já existem várias terapêuticas que ajudam nestas fases, e no livro são-lhe apresentadas informações essenciais para que saiba quais são as mais adequadas e as variedades que existem. Uma abordagem holística, em que é analisada a saúde física, mental, sexual e óssea, e como se pode preservar as mesmas no meio de tantas alterações. Um manual para todos e que pode ser lido em qualquer idade.

Em **O Manual da Menopausa**, a Dra. Mindy Pelz transcreve a sua experiência quando a perimenopausa e a menopausa chegaram à sua vida, com os sintomas a abrir caminho sem avisar. Baseado no que ela própria e as suas pacientes sentiram, criou este manual para ajudar e orientar as mulheres que estão a passar por esta fase (ou ainda vão passar por ela), para não se sentirem tão perdidas e sozinhas. Atualmente, já não precisa de aceitar o sofrimento como fator inevitável da menopausa. Ao longo do livro, são exploradas as mudanças hormonais que acontecem e o que cada uma provoca no seu corpo, assim como as melhores estratégias para aplicar na sua vida e minimizar o desconforto. Um manual completo



que aborda a alimentação e o papel crucial que tem para reequilibrar as hormonas e prevenir o aparecimento de muitas doenças nesta fase, como os cancros hormonais, e o poder dos vários jejuns na saúde hormonal para melhorar a saúde física e mental. Apesar de ser cada vez mais comum as pessoas mais jovens terem noites maldormidas, as mudanças hormonais são terríveis para conseguir ter uma boa noite de sono. Como um bombom no final do livro, a autora dedica um capítulo para que volte a dormir sem esforço, apresentando estratégias simples para que tenha noites reparadoras.



A saúde da mulher, principalmente quando se fala em ciclo menstrual, sempre esteve envolta em preconceitos, e a menopausa foi durante muitos anos desconsiderada de estudos científicos porque a “mulher já não cumpria o seu propósito” e não tinha importância. Em **Menopausa: O Seu Cérebro Em Mudança**, a médica Lisa Mosconi

explica-nos como podemos lidar, de forma tranquila e informada, com tudo o que muda no corpo da mulher, com um foco maior nas mudanças químicas que ocorrem no nosso cérebro. De uma perspetiva científica, entenda como o “cérebro da menopausa” não é apenas imaginação sua e quais são os sintomas mais frequentes – como afrontamentos, ansiedade e depressão, alteração de humores – que afetam o seu bem-estar. A autora explica o lado positivo que a menopausa tem na nossa vida – afinal, não são apenas coisas más –, e como as terapêuticas certas podem salvá-la nesta nova fase. Mas, como a saúde é um sistema holístico, Mosconi aborda no final do livro como um estilo de vida mais saudável e ativo, uma alimentação mais adequada e equilibrada, e uma mentalidade mais positiva podem ser fatores-chave para complementar as terapêuticas aplicadas. Um livro essencial para todas as mulheres e que explora um dos órgãos que, até agora, não teve a atenção devida por parte do meio científico.

A menopausa é uma fase inevitável na vida das mulheres mas, com o conhecimento certo, desmistificando muito do que foi sendo transmitido com o passar dos anos, esta pode ser vivida com mais saúde, leveza e sem perder qualidade de vida com as mudanças que vão acontecer a nível hormonal. Afinal, a mulher não é definitivamente o sexo mais fraco. ■

atualização de sistema com superpoderes ocultos

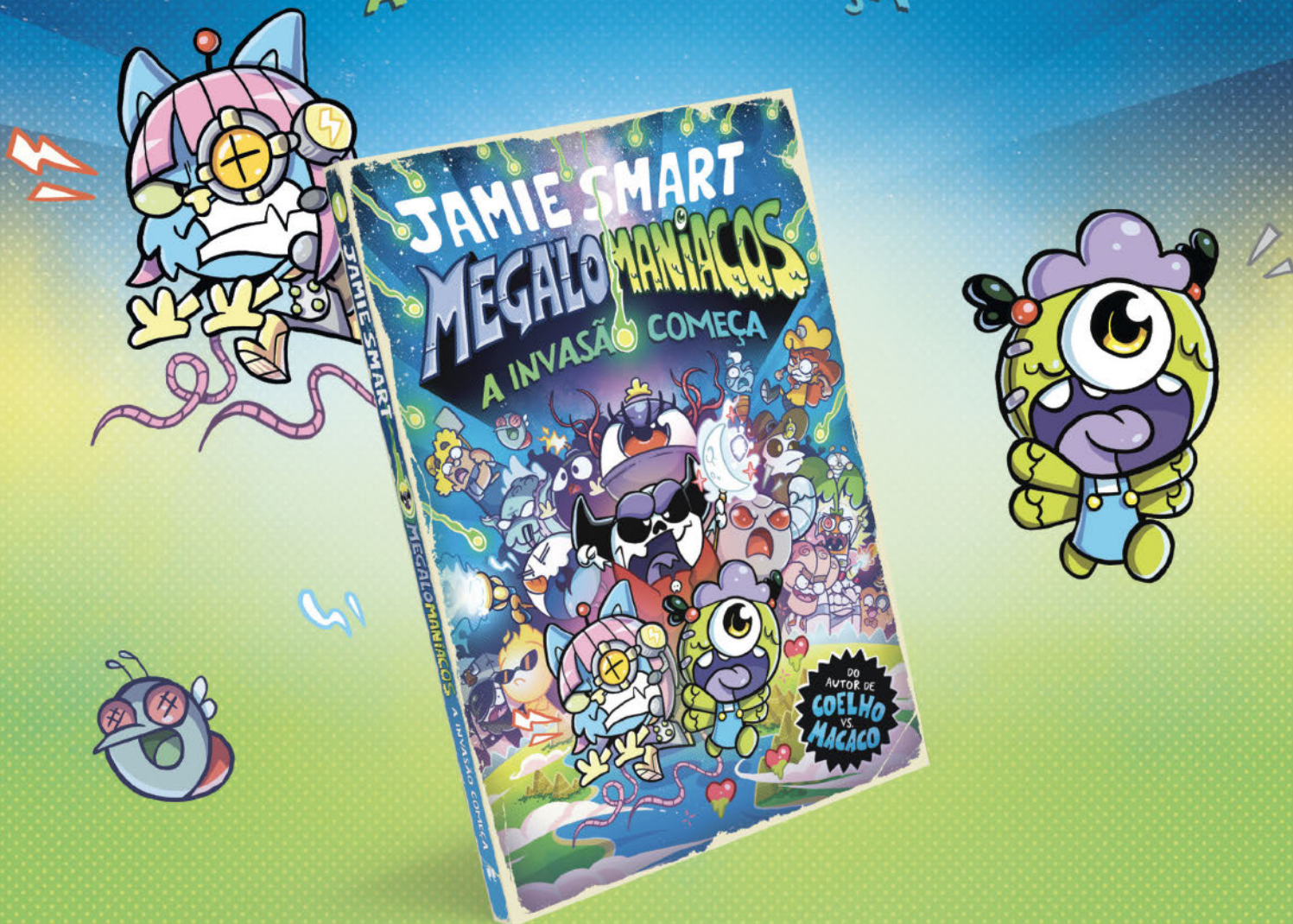
Também poderá gostar de:



JAMIE SMART

MEGALO MANIACOS

A INVASÃO COMEÇA



A nova série imperdível do autor *bestseller* e premiado fenómeno de vendas internacional!

Wook®

8 MILHÕES DE LIVROS
EM INGLÊS E ESPANHOL

portes grátis*



WOOK PROCURAS A WOOK TEM

*consulte as condições em wook.pt

O blogue literário da **WOOK**



wookacontece.pt

Wook



80159.10

Subscreva a nossa *newsletter*